

Mapa Bilateral de Comércio e Investimentos

Brasil - China



1974-2024
中国巴西50年
BRASIL-CHINA 50 ANOS



MINISTÉRIO DAS
RELAÇÕES
EXTERIORES

MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO,
INDÚSTRIA, COMÉRCIO
E SERVIÇOS

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



Jorge Ney Viana Macedo Neves

Presidente

Ana Paula Repezza

Diretora de Negócios

Floriano Pesaro

Diretor de Gestão Corporativa

Igor Isquierdo Celeste

Gerente de Inteligência de Mercado

João Ulisses Rabelo Pimenta

Coordenador de Análise de Mercado / Revisão

Gustavo Ferreira Ribeiro

Coordenador de Acesso a Mercado / Revisão

Eduardo Palma de Seixas

Rodrigo Otavio Curvello Wutke

Autores

Luigi Fialho Vieira de Melo

Mila Rocha

Rita Mei

Tulio Cariello [Cons. Emp. Brasil-China]

Apoio

Bruno Willian Passos Santos

Claudia Regina Pereira Bucco

Igor Gomes da Silva

Julia Melo Rodrigues de Aguiar

Mario Ernani Saade Junior

Matheus Augusto Santos Oliveira

Mauro Ferrer Rocha Araújo

Pedro Henrique Gandra Pia

Ramon do Nascimento Cavalcanti

Zimmer de Souza Bom Gomes

Atualização

© 2024 ApexBrasil

Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos [ApexBrasil]. Qualquer parte desta obra poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte. Ressalta-se que este conteúdo é meramente informativo e a Agência não se responsabiliza pelas tomadas de decisão a partir dos dados ou de eventuais erros e omissões da publicação.

A Gerência de Inteligência de Mercado da ApexBrasil, responsável pelo desenvolvimento deste estudo, quer saber sua opinião sobre ele. Se você tem comentários ou sugestões a fazer, por favor, envie e-mail para apexbrasil@apexbrasil.com.br. Este estudo também está disponível no site apexbrasil.com.br.

As imagens utilizadas no estudo são meramente ilustrativas, não representando, necessariamente, o tipo/espécie de produto comercializado. As imagens foram extraídas de bases das quais a ApexBrasil tem autorização para uso e publicação. Os mapas foram gerados pela Plataforma Bing [© Australian Bureau of Statistics, GeoNames, Goespatial Data Edit, Microsoft, Navinfo, OpenStreetMap, TomTom, Wikipedia, Zenrin].

SUMÁRIO

SOBRE ESTE ESTUDO	5
APRESENTAÇÃO APEXBRASIL	6
APRESENTAÇÃO CEBC	8
SUMÁRIO EXECUTIVO	9
CAPÍTULO 1	12
MACROECONOMIA	12
1. ECONOMIA DO BRASIL	13
2. ECONOMIA DA CHINA	16
CAPÍTULO 2	19
COMÉRCIO BILATERAL	19
2. COMÉRCIO BILATERAL	20
2.1. A CHINA E O COMÉRCIO INTERNACIONAL	20
2.2. EXPORTAÇÕES DA CHINA	21
2.3. IMPORTAÇÕES DA CHINA	23
2.4. COMÉRCIO BRASIL-CHINA	24
2.5. EXPORTAÇÕES DO BRASIL PARA A CHINA	25
2.6. IMPORTAÇÕES DO BRASIL ORIUNDAS DA CHINA	29
2.7. PROJETOS SETORIAIS DA AGÊNCIA COM FOCO NA CHINA	32
2.8. OPORTUNIDADES PARA AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS	33

CAPÍTULO 3 **35**

INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS DIRETOS DA CHINA NO BRASIL **35**

3. INTRODUÇÃO	36
3.1. ESTOQUE DE INVESTIMENTOS DA CHINA NO BRASIL	38
3.2. ANÚNCIOS DE INVESTIMENTOS GREENFIELD	43
3.3. ANÚNCIOS DE TRANSAÇÕES DE FUSÕES E AQUISIÇÕES	46
3.4. INVESTIMENTOS EM INFRAESTRUTURA	49
3.5. ESTUDOS DE CASOS DE EMPRESAS DA CHINA OPERANDO NO BRASIL	53

CAPÍTULO 4 **58**

INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS DIRETOS DO BRASIL NA CHINA **58**

4. INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS DIRETOS DO BRASIL NA CHINA	59
4.1. INTRODUÇÃO	59
4.2. ANÚNCIOS DE INVESTIMENTOS GREENFIELD	60
4.3. ESTUDOS DE CASOS DE EMPRESAS DO BRASIL OPERANDO NA CHINA	64

NOTA METODOLÓGICA **69**



SOBRE ESTE ESTUDO

Apresentação ApexBrasil

Brasil e China: uma relação madura e promissora

A celebração, em 2024, dos 50 anos de relações diplomáticas entre o Brasil e a República Popular da China chega num momento especialmente produtivo e promissor para as duas maiores nações em desenvolvimento dos hemisférios Oriental e Ocidental. A China e o Brasil são hoje, respectivamente, a primeira e a terceira maiores economias do Sul Global, parceiros estratégicos no plano econômico e expoentes em todas as discussões relevantes nos fóruns mundiais. O Brasil é o maior parceiro comercial da China na América Latina, e a China é a maior parceira comercial do Brasil no mundo. Tanto no plano econômico quanto no âmbito da política mundial, nossas relações bilaterais alcançaram um intercâmbio maduro baseado em interesses recíprocos e complementares.

O retorno do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República vem fortalecer ainda mais esses laços, descortinando um futuro de crescimento econômico, desenvolvimento e intensa cooperação entre os povos brasileiro e chinês. Ao recriar o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, ao qual a ApexBrasil está vinculada, e nomear como titular o Vice-Presidente Geraldo Alckmin, nosso presidente mostrou seu empenho no projeto de neointustrialização do País e no crescimento das exportações. O Brasil está definitivamente de volta ao jogo do comércio mundial.

Ao longo dessas cinco décadas, as relações sino-brasileiras, que tiveram início em 1974 e vivem hoje seu auge, tiveram marcos importantes. Em 1993, as relações diplomáticas foram elevadas ao nível de Parceria Estratégica. Em 2004, no primeiro mandato do presidente Lula, em meio a um movimento de aproximação maior entre os dois países, foi criada a Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (COSBAN), a mais alta instância permanente de diálogo e cooperação bilateral e copresidida pelos Vice-Presidentes do Brasil e da China. Em 2012, essa relação passou ao nível de Parceria Estratégica Global, sob o governo da ex-presidente Dilma Rousseff, que aprofundou a parceria com acordos e compromissos de cooperação conjunta. Além de maior mercado de exportações, nesse período a China passou a ser o principal exportador de mercadorias para o Brasil.

Esse relacionamento vai além da esfera bilateral e tem repercussão global com o fortalecimento de uma agenda de Cooperação Sul-Sul. Brasil e China têm mantido diálogo em mecanismos como G20, OMC e BASIC. Junto com Rússia e Índia, os dois países são membros-fundadores do BRIC, criado em 2009 numa cúpula de Chefes de Estado e de Governo. Em 2011, com a entrada da África do Sul, a sigla tornou-se BRICS. Somados, os cinco países representam hoje 43% da população, 30% do território e 18% do comércio global.

A cooperação intraBRICS no setor financeiro levou ao lançamento das duas primeiras instituições do mecanismo: o Novo Banco de Desenvolvimento (NDB) e o Arranjo Contingente de Reservas (ACR). Sediado em Xangai, o NDB é hoje presidido pela ex-presidente Dilma Rousseff e vem responder ao problema global da escassez de recursos para o financiamento de projetos de infraestrutura. O objetivo do ACR, por sua vez, é assegurar liquidez para enfrentar crises na balança de pagamentos dos países do agrupamento. Tamanho foi o sucesso do BRICS que o agrupamento passou por nova expansão. Desde janeiro deste ano, Arábia Saudita, Egito, Etiópia, Irã e Emirados

Árabes Unidos fazem parte do bloco de nações emergentes. Com os novos membros, o BRICS passa a representar mais de 48% da população mundial e cerca de 37% do PIB global em Paridade de Poder de Compra (PPC).

No campo econômico, houve nesses últimos anos grande expansão nas relações comerciais, um crescimento impressionante que levou a China a se tornar o maior parceiro comercial do país. De US\$ 6,6 bilhões, em 2003, a corrente de comércio bilateral chegou para US\$ 157,5 bilhões, em 2023 (montante recorde, superior ao volume alcançado no ano anterior, de US\$ 150,5 bilhões). Nesse período, as exportações brasileiras para a China já acumularam US\$ 870 bilhões.

O diálogo fluido e a complementaridade de interesses entre os dois países, estimulados tanto por seus governos quanto pelos setores produtivos, tornam o atual momento extremamente favorável a uma expansão ainda maior – e diversificada – dos negócios entre os dois países. A China figura hoje entre as principais fontes de investimento estrangeiro direto no Brasil, com crescente presença em setores de relevo da economia. Destacam-se os investimentos em eletricidade e extração de petróleo, assim como em transportes, telecomunicações, serviços financeiros e indústria. Empresas chinesas vêm participando de licitações de projetos de infraestrutura no Brasil e têm sido parceiras em projetos como a construção de usinas hidrelétricas e ferrovias.

A abundância de recursos energéticos verdes em solo brasileiro, somada à legislação que promove a entrada de investimentos nesse setor, coloca o Brasil na vanguarda do movimento rumo ao crescimento ambientalmente sustentável e socialmente inclusivo. A China, com investimentos no Brasil em energia renovável e, crescentemente, na fabricação de veículos elétricos, contribui com o desafio global de descarbonização das cadeias produtivas e de transporte, auxiliando o Brasil em seu processo de transição energética. Ao mesmo tempo, o Brasil, como maior exportador de proteína animal e quarto maior exportador de cereais, contribui para a segurança alimentar da nação chinesa.

A China possui lugar de destaque entre as iniciativas da ApexBrasil. Atualmente, a Agência apoia projetos em 19 setores que consideram o país prioritário, abrangendo diversos ramos industriais, como agronegócio, casa e construção, franquias, moda e saúde. A ApexBrasil conta com dois escritórios de representação no país, em Pequim e em Xangai, reafirmando o compromisso com o fortalecimento das relações econômicas entre Brasil e a China.

O presente estudo é um mapa das oportunidades de investimento e comércio no Brasil, um instrumento de alta relevância para formulação de estratégias e tomada de decisões de negócios. Seguindo as diretrizes de política externa do governo Lula, esperamos contribuir efetivamente para a ampliação das relações bilaterais e ao aprofundamento dos laços de amizade dos brasileiros com a nação chinesa.

Jorge Viana

Presidente da ApexBrasil

Apresentação CEBC

A China é um parceiro incontornável do Brasil. Foi sobretudo a partir de meados da década de 2000 que a presença do gigante asiático no país começou a ser percebida, com sua ascensão como nosso principal parceiro comercial e a presença cada vez mais frequente de investimentos chineses na economia brasileira. Ainda que os dois países tenham adotado modelos de desenvolvimento distintos e a presença internacional de ambos seja assimétrica, há uma complementaridade evidente entre as duas economias que deve ser estudada e explorada sob diversas perspectivas.

Alguns temas, como a necessidade de diversificar nossa pauta de exportações, ainda demandam um maior esforço do lado brasileiro. Não há dúvidas de que a China continuará sendo o principal destino de produtos como *commodities* minerais e agrícolas — áreas em que o Brasil tem grande competitividade internacional —, mas o mercado chinês, com a maior classe média do mundo, oferece muitas outras oportunidades.

Os investimentos chineses no Brasil, que chamam atenção por sua diversidade e a presença de projetos bilionários, são promissores e têm passado por transformações, com novos aportes em áreas como energias limpas, Tecnologia da Informação e carros elétricos. Por outro lado, os investimentos brasileiros na China ainda são muito limitados, considerando o dinamismo do mercado chinês, que frequentemente está entre os que mais atraem investimentos estrangeiros no mundo.

Fiel a seu propósito de concentrar a sua atuação nos temas estruturais do relacionamento sino-brasileiro, é com satisfação que o Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC) apoia esta edição do Mapa Bilateral de Comércio e Investimentos, elaborado em conjunto com a ApexBrasil. Com foco na China, o material traz um rico panorama sobre as relações econômicas bilaterais, sendo uma ferramenta importante para os que buscam compreender como evoluíram o comércio e os investimentos entre os dois países e, com isso, planejar passos mais ousados para a relação bilateral.

Luiz Augusto de Castro Neves

Presidente do Conselho Empresarial Brasil-China

Sumário Executivo

Dividido em quatro capítulos (1. Macroeconomia; 2. Comércio Bilateral; 3. Investimentos Estrangeiros Diretos da China do Brasil; e 4. Investimentos Estrangeiros Diretos do Brasil na China), o Mapa de Comércio e Investimentos Brasil-China foi elaborado pela ApexBrasil, com apoio do Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC). Seu principal objetivo é proporcionar ao leitor um estudo com dados atualizados das relações econômicas entre os parceiros, contribuindo para o conhecimento mútuo e a geração de informação acionável para decisões de negócios e governamentais.

No **capítulo sobre macroeconomia**, destaca-se a importância das duas economias no mundo. Segundo dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), o Brasil registrou um Produto Interno Bruto (PIB) de US\$ 2,1 trilhões em 2023, ocupando a 9ª maior economia do mundo. Já a China, há mais de uma década, posiciona-se como a segunda maior economia global (PIB de US\$ 17,7 trilhões, em 2023), atrás apenas dos Estados Unidos. Enquanto o PIB brasileiro foi majoritariamente composto (63%), naquele ano, por demanda interna, o estudo mostra que a China é um dos raros casos em que o consumo privado não é o principal componente de seu produto interno (37,6%), pois é superado pela rubrica de formação bruta de capital fixo (42,6%) – FBCF ou taxa de investimentos.

Já na **seção de comércio**, ressalta-se que a China se encontra plenamente integrada às principais cadeias regionais e globais de valor, sendo a maior nação mercantil do mundo, em termos de corrente de comércio (US\$ 5,9 trilhões, em 2023), posição que ocupa desde 2013.

Conforme apontado pelo estudo, na relação bilateral, a China é a maior parceira comercial do Brasil desde 2009. Em 2023, o comércio de bens do Brasil com a China somou US\$ 157,5 bilhões, representando 27,1% do total do fluxo de comércio brasileiro - proporção maior, inclusive, do que o intercâmbio brasileiro consolidado com os 27 países da União Europeia, de 15,8%. O Brasil é um importante fornecedor das importações do país asiático, com *market share* de quase 5% no mercado chinês, em 2023.

Em termos de exportações, em 2009, a China superava os EUA como principal destino mundial das vendas externas do Brasil. Em 2023, os embarques brasileiros para a China alcançaram mais de US\$ 100 bilhões pela primeira vez (US\$ 104,3 bilhões). A pauta brasileira, entretanto, é bastante concentrada em três grupos de produtos. Soja, petróleo e minério de ferro representaram, juntos, 75,1% do total exportado para o país. Observa-se, ainda, relativa concentração das unidades federativas brasileiras de onde se originam as exportações para o país asiático. Os cinco maiores estados exportadores (RJ, MG, MT, SP e PA, nessa ordem) somaram quase 66% do total exportado para a China.

O estudo mostra ainda que a China é a principal origem asiática das importações brasileiras desde 2004, quando passou à frente do Japão. Há relativa diversificação das vendas chinesas para o Brasil. Os três principais produtos importados (válvulas e tubos termiônicos; equipamentos de telecomunicações; e compostos organo-inorgânicos) representaram 21% do total importado pelo Brasil da China e incluem produtos com alto valor agregado, como smartphones, máquinas e equipamentos. Cinco subdivisões administrativas chinesas (Guangdong, Jiangsu, Zhejiang, Shandong e Xangai), localizadas junto ao litoral sudeste do país e sediando o maior número de zonas econômicas especiais (ZEE) chinesas, concentraram 68% do total exportado para o Brasil em 2023. O percentual é similar à representatividade das cinco principais UF exportadoras brasileiras para a China (66%), como indicado.

O estudo chama atenção, ainda, de que comércio com a China é uma importante fonte de divisas estrangeiras para o Brasil, contribuindo para a robustez das contas externas brasileiras. Em 2023, o superávit de US\$ 51,2 bilhões com a China representou 51,7% do superávit total do Brasil.

No capítulo dedicado aos investimentos estrangeiros, o estudo indica que China e Brasil estão entre os maiores receptores de investimentos estrangeiros diretos (IED) no mundo. Segundo a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), em 2022 o estoque de capital mundial investido na China era de US\$ 3,8 trilhões e no Brasil era de US\$ 815,6 bilhões, máxima histórica para ambos os países. Naquele ano, China e Brasil detinham, respectivamente, o 1º e o 2º maiores estoques internos de investimentos entre os países em desenvolvimento, e o 2º e o 14º maiores, em nível global.

Além de ser uma grande receptora de investimentos estrangeiros, a China tornou-se uma grande emissora de IED, tanto por parte de empresas localizadas na parte continental do país, quanto por empresas que investem via o *hub* financeiro de Hong Kong (China). Conforme a UNCTAD, em 2022 a China ocupava a terceira posição entre os maiores estoques externos de IED. No mesmo ano, o Brasil ocupou a 21ª colocação entre os maiores investidores e, entre os países emergentes, era o segundo maior investidor internacional, atrás apenas da China, e à frente de países como Índia, Rússia e México. A Economist Intelligence Unit projeta que, em 2023, a China tornar-se-á, pela primeira vez em sua história, uma investidora estrangeira líquida, com investimentos externos chineses superando os investimentos estrangeiros no país, fato que poderá ser verificado quando da disponibilização dos dados (em 2024 ou 2025).

A China apresentou um considerável aumento de participação entre os maiores investidores estrangeiros no Brasil ao longo da década passada. O estoque de capital chinês investido no Brasil, que em 2010 totalizava US\$ 8 bilhões, em 2022 já era de US\$ 37,1 bilhões, equivalente a um crescimento médio de 13,7% ao ano. Se em 2010 a China ocupava a 17ª posição entre os maiores investidores no Brasil, com participação de 1,2% do estoque total, em 2022, a China já era o 8º maior investidor no país, com US\$ 37,1 bilhões, cerca de 3,7% no estoque de IED total no Brasil. Além de ter deslocado o Japão como maior investidor asiático no Brasil, a China já está à frente de investidores históricos, como Alemanha e Itália.

O estudo relembra que investimentos estrangeiros frequentemente são triangulados através de regiões com condições fiscais privilegiadas ou favoráveis. Por isso, o monitoramento das origens de IED envolve certas complexidades e, por conta dessas distorções, o Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC) desenvolveu metodologia própria. Isso inclui o monitoramento diário das imprensas nacional e internacional em busca de informações sobre investimentos chineses no país, além de consultas diretas com empresas chinesas, bases de dados e estudos alternativos.

De acordo com levantamento do CEBC trazido ao estudo, entre 2007 e 2022, empresas chinesas anunciaram 310 projetos no Brasil, com potencial de investimentos estimado em US\$ 120 bilhões. Considerando apenas os aportes confirmados, 235 projetos foram colocados em operação – uma taxa de efetivação de 76% –, com o estoque de investimentos chegando a US\$ 71,6 bilhões (*versus* US\$ 37,1 bilhões, segundo dados de estoque do Banco Central Brasileiro). Caso confirmado, esse valor faria da China a terceira maior investidora estrangeira no Brasil, atrás apenas dos Estados Unidos e dos Países Baixos.

Com base em dados da Fitch, o estudo aponta 639 obras de infraestrutura no mundo com participação de empresas chinesas atuando como patrocinadoras ou operadoras dos projetos. O Brasil tem lugar de destaque entre os destinos chineses com investimentos em infraestrutura, ocupando o primeiro lugar entre os países do continente americano (35 projetos) e a quarta posição geral, atrás apenas do Paquistão, Indonésia e Camboja. Em infraestrutura, os setores de “Energia” e “Transporte” são os principais destaques dos 35 projetos. No primeiro caso, dos 23 projetos em “Energia”, 9 estão concentrados em “linhas de transmissão” e 7 em “eólico”. Já entre os 7 projetos de “Transporte”, 5 são dedicados às ferrovias.

Por fim, e na linha de Mapas Bilaterais precedentes, **o estudo traz cinco estudos de caso envolvendo investimentos chineses no Brasil (BYD, State Grid e Tencent) e brasileiros na China (Suzano e EBANX)**. As informações dos cases, com breves atualizações da ApexBrasil, se originaram da gentil disponibilidade das empresas que responderam ao pedido de informação por parte da sede ou do escritório da ApexBrasil em Pequim. A seleção não reflete, necessariamente, o nível de importância dessas empresas para a ApexBrasil de forma particular e/ou para a economia brasileira de forma geral.



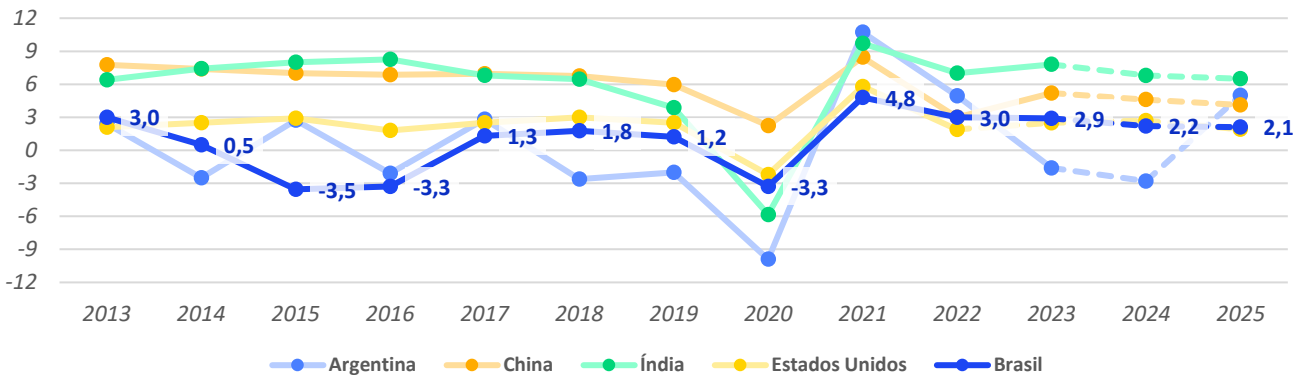
CAPÍTULO 1
MACROECONOMIA



1. Economia do Brasil

Com um Produto Interno Bruto (PIB) de US\$ 2,1 trilhões em 2023, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Brasil é a 9ª maior economia do mundo e a primeira da América Latina. Esse resultado é diretamente atrelado ao crescimento por três anos consecutivos após o impacto econômico inicial da pandemia de COVID-19, que culminou em um decréscimo real do PIB brasileiro de 3,3%, em 2020. No primeiro ano de recuperação da produção, 2021, o crescimento real do PIB foi de 4,8%, em função da já existente capacidade instalada, em parte subutilizada em 2020. No ano seguinte, o crescimento foi de 3,0%, dessa vez apoiado pela escalada de preços nas *commodities*. Já em 2023, o país atingiu novo crescimento de 2,9%, diretamente influenciado pelo bom desempenho do setor de agricultura, além da resiliência do setor de serviços.

GRÁFICO 1 – CRESCIMENTO REAL DO PIB DO BRASIL E DE PAÍSES SELECIONADOS



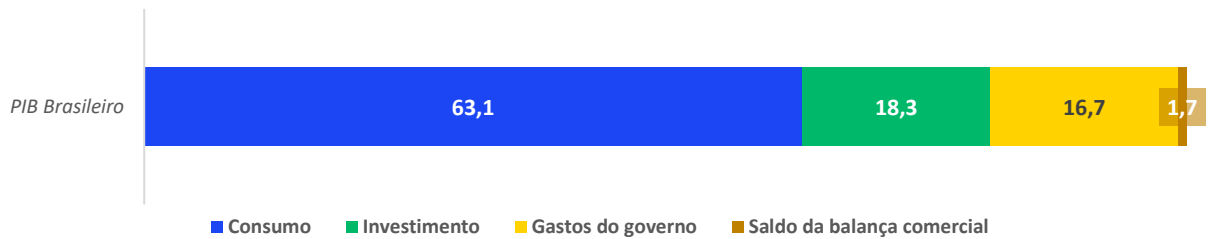
Fonte: FMI.

Considerando o período entre 2019 e 2023, o crescimento real médio anual do PIB brasileiro foi de 1,8%, de acordo com o FMI. Essa taxa é inferior à média global no período (2,6%), mas superior à de países vizinhos, como Argentina, Uruguai e Paraguai. Entre os BRICS, por exemplo, China e Índia apresentaram crescimento mais dinâmico, respectivamente 4,7% e 4,5%, mas a África do Sul evoluiu mais lentamente que o Brasil, com 0,2%. Em função de sua grande população, de 203 milhões de habitantes, segundo o Censo Demográfico 2022 do IBGE, o PIB per capita brasileiro ocupa posição intermediária, segundo o FMI: 83º no mundo, com US\$ 10.642,44.

O PIB brasileiro é majoritariamente composto por demanda interna¹. O consumo privado é o principal componente do PIB, representando 63% de seu valor em 2023 (Gráfico 2). Essa parcela foi um retorno ao patamar normalmente observado ao longo dos últimos anos, quando comparado aos 60% em 2021 e 63% em 2022, ano em que as formações de estoques e de capital fixo estiveram mais intensas como consequência de desacelerações em 2020.

¹ Demanda interna é definida como a soma entre consumo privado, gastos do governo e investimentos.

GRÁFICO 2 – DECOMPOSIÇÃO DO PIB DO BRASIL (2023)

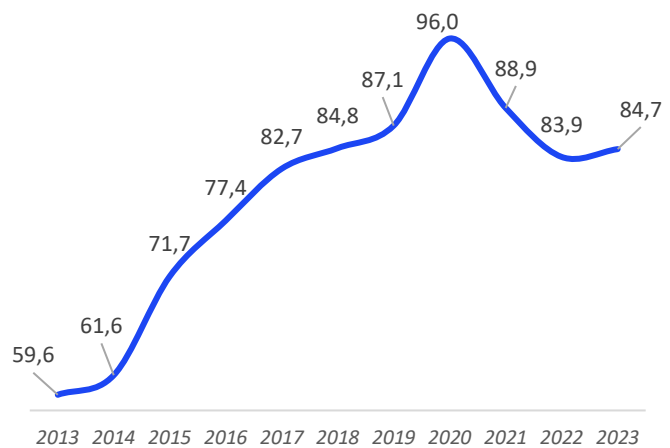


Fonte: Euromonitor.

Os gastos do governo vêm tendo sua participação no PIB reduzida como resultado de políticas de austeridade e da diminuição da necessidade de intervenção estatal no enfrentamento da pandemia em 2021 e 2022. Desde 2018, os gastos do governo estiveram em seu ápice em 2020, quando representaram 20,1% do PIB, com sucessivas contrações para 18,5%, em 2021, 18,4% em 2022, e 18,3% em 2023. O recém-anunciado Novo PAC, que promete realizar investimentos na soma de R\$ 1,7 trilhão nos próximos anos em diversos setores estratégicos, como saúde, segurança energética, inclusão digital e ciência e tecnologia, pode, entretanto, voltar a elevar o percentual dos gastos do governo em relação ao PIB.

GRÁFICO 3 – RAZÃO DÍVIDA PÚBLICA/PIB DO BRASIL (%)

Em decorrência do movimento descendente dos últimos anos nos gastos, a razão entre dívida pública e PIB também vem se normalizando após pico em 2020, alcançando um dos menores patamares desde 2018, 84,7% do PIB em 2023, segundo o FMI (Gráfico 3). O percentual é inferior ao apresentado por diversos países desenvolvidos, como Estados Unidos, Canadá, Japão, Espanha, França e Reino Unido.



Fonte: FMI.

Essa redução pode ser importante, pois proporciona margem de manobra para a aprovação da regulamentação da reforma tributária, gerando impacto na arrecadação de médio prazo. A rubrica de formação bruta de capital fixo, que, junto aos estoques, pode ser interpretada como a taxa de investimentos do país representou 16,9%² do PIB em 2023, depois de se manter estável em 2021 (17,9%) e em 2022 (17,8%). Programas de incentivo esperados para os próximos anos devem manter a participação dos investimentos no PIB em patamar próximo aos 20%.

² No Gráfico 2, é considerada também a formação de estoques, equivalente a -0,2% do PIB em 2023.

Pela ótica monetária, a taxa básica de juros, Selic, atingiu, em maio de 2024, seu menor nível desde janeiro de 2022, após sucessivos incrementos ao longo do biênio 21/22 para a contenção da inflação. Motivada especialmente, segundo o Banco Central do Brasil (BCB), por elevações em preços de *commodities*, inclusive petróleo, no mercado global, a inflação registrada em 2021 foi de 10,1%, segundo o IBGE, acima da meta estabelecida para o ano. Em 2022, com políticas monetárias contracionistas em vigor, a inflação voltou a patamar mais controlado, fechando o ano em 5,79%. Em 2023, a inflação teve nova contração, atingindo patamar de 4,62%, dentro do intervalo da meta estabelecida. A tendência de queda deve se manter nos próximos anos: as expectativas do mercado, compiladas pelo BCB, apontam para 3,8% e 3,3% em 2024 e 2025, respectivamente.

Estabelecida em 10,50% pela reunião de maio de 2024 do Comitê de Política Monetária (Copom), após reduções consecutivas de 0,5 ponto percentual, a taxa foi reduzida em 0,25 ponto percentual. A Selic deve continuar trajetória descendente em alinhamento com a estratégia do governo para a promoção do crescimento econômico, uma vez que seu alto patamar desestimula a circulação do dinheiro e inibe a tomada de crédito para investimentos pelas empresas.

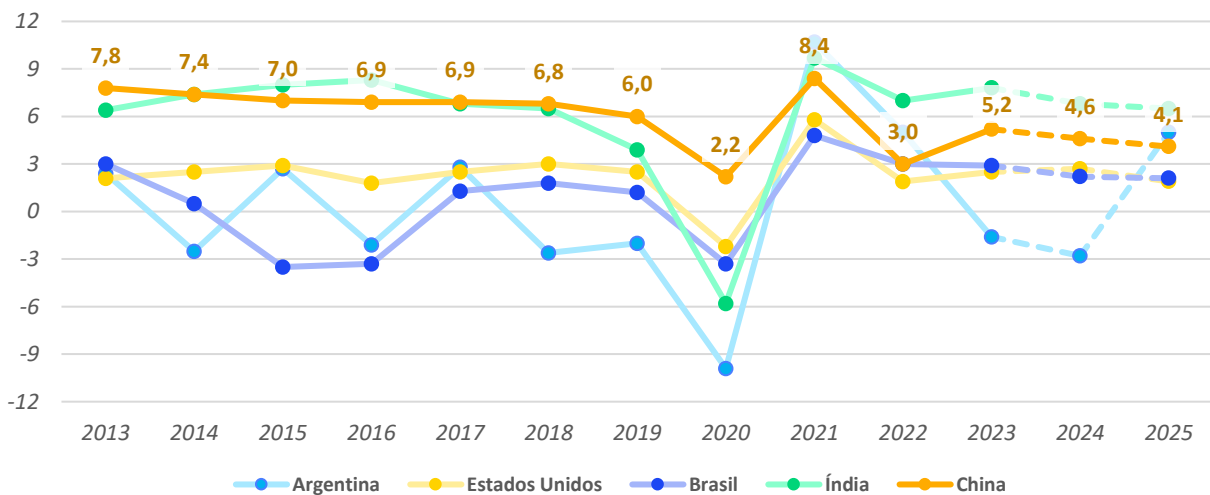
A taxa Selic tem, também, implicações diretas nos fluxos internacionais. O Real foi valorizado entre 2022 e 2023, em cotação média, frente às moedas de referência em consequência da escalada dos juros brasileiros. Particularmente no comércio exterior, barateiam-se as importações, ajudando a controlar a pressão inflacionária, por permitir custos melhores em cadeias produtivas dependentes de insumos estrangeiros, e encarecem-se as exportações, podendo ocasionar impactos diversos a depender da competitividade brasileira em cada tipo de produto. Ao longo dos dois últimos anos, o dólar flutuou em torno de R\$ 5,00 e a tendência, segundo o Sistema Expectativas de Mercado do BCB, é de que ele se mantenha nessa faixa em 2024 e 2025.

A atração de capital estrangeiro, outro ponto diretamente relacionado com os instrumentos de política monetária do país, tem sido por consecutivos anos um ponto positivo no panorama macroeconômico brasileiro. O país foi o quinto maior destino de Investimento Estrangeiro Direto (IED) no mundo em 2022, segundo a UNCTAD, estabelecendo a marca histórica de US\$ 86 bilhões. Esse resultado representou crescimento de 70% em relação ao ano anterior e de 32% em relação ao nível pré-pandêmico observado em 2019. Para 2023, as expectativas são ainda mais promissoras: o Brasil foi o segundo principal destino de investimentos no mundo no ano, segundo a OCDE, atrás apenas dos Estados Unidos.

2. Economia da China

A China é, há mais de uma década, a segunda maior economia global. Em 2023, segundo o FMI, o país registrou PIB de US\$ 17,7 trilhões, um crescimento real de 5,2% em relação ao ano anterior, atrás apenas dos Estados Unidos, com US\$ 27,4 trilhões. Os dois países se encontram em patamar próprio, sem indicadores de terem suas posições ameaçadas nos próximos anos, ainda que a Índia apresente trajetória acelerada de crescimento, de forma semelhante à que a própria China trilhou nas últimas décadas. Para comparação, a Alemanha, que ultrapassou o Japão como terceira maior economia do mundo em 2023, com PIB de US\$ 4,5 trilhões, representa uma economia com cerca de 25% do PIB chinês. Ademais, não há indícios de uma desaceleração acentuada no crescimento da China para os próximos anos. Mesmo em 2020, ano em que a pandemia de COVID-19 teve seu maior impacto na produção global, o PIB da China teve crescimento real de 2,2%, em contraste com a média global, cujo crescimento real foi negativo, de -2,8%. No futuro próximo a expectativa é de que o crescimento do país fique abaixo do observado nas últimas décadas, mas sempre acima de 3%, o que manteria o país em patamar confortável.

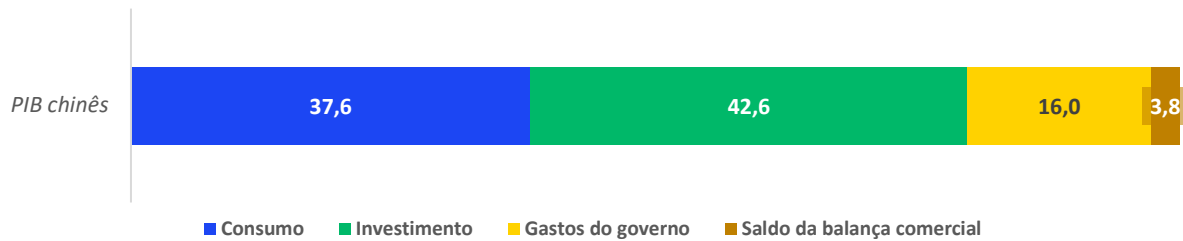
GRÁFICO 4 – CRESCIMENTO REAL DO PIB DA CHINA E DE PAÍSES SELECIONADOS



Fonte: FMI.

Há ainda muito a avançar em termos relativos, como a qualidade de vida e o poder de compra de sua população. Tendo sido ultrapassada recentemente pela Índia, a China tem a segunda maior população entre todos os países, 1,4 bilhão de habitantes, o que implica que, apesar de sua volumosa economia, o PIB per capita, de US\$ 12.513,87 em 2023, ainda é considerado baixo, justificando a permanência do país entre os emergentes. Com esse valor, a China está posicionada como o 75º país em renda per capita, próximo a economias como Turquia e Malásia.

GRÁFICO 5 – DECOMPOSIÇÃO DO PIB DA CHINA (2023)



Fonte: Euromonitor.

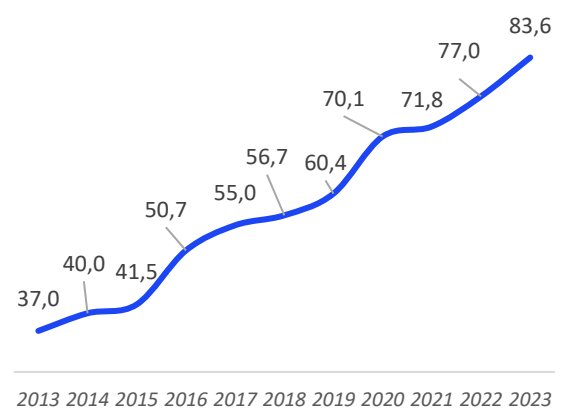
A China é um dos raros casos em que o consumo privado não é o principal componente de seu produto interno: em 2023, foi de apenas 37,6%³, ficando atrás da rubrica de formação bruta de capital fixo, ou investimento, com 42,6%. Considerando a magnitude da população do país, a proporção para os componentes do PIB chama a atenção. Ao ter a maior parte dos recursos do país alocada na expansão das atividades produtivas, a China sinaliza que sua estratégia para o crescimento no longo prazo permanece inalterada, uma vez que a fração do PIB que o investimento representa segue acima dos 40% desde 2009 e, mesmo antes disso, já estava bem acima dos 30%.

Não obstante a resiliência dos investimentos no país, há expectativa para o crescimento do consumo privado na China pós-pandêmica. A poupança das famílias se elevou consideravelmente nos últimos anos, criando uma disponibilidade de recursos que pode ser injetada no mercado interno em 2024 e nos próximos anos, em conformidade com os sinais observados em critérios como sentimento do consumidor e volume de vendas do varejo.

Os gastos do governo também têm sofrido pouca alteração ao longo dos anos, girando em torno de 16%. Em função de maior necessidade de intervenção estatal no enfrentamento da pandemia, em 2020, a parcela chegou ao seu maior nível dos últimos anos, com 17,1%. Considerando o desenvolvimento do país e o gradual envelhecimento da população, a expectativa é de que os gastos do governo se tornem mais substanciais, especialmente em áreas como bem-estar e saúde.

Boa parte do financiamento dos gastos do governo é feito com a expansão da dívida pública. Como percentual do PIB ela vem em trajetória ascendente desde 2011, quando estava em 33,8%⁴. Em 2019, a dívida pública como proporção do PIB alcança o patamar de 60,4%. Com o início da COVID-19, o ano de 2020 registrou um salto para 70,1%. Mantendo-se ainda nesse novo patamar, a dívida pública representou 83,6% do PIB chinês em 2023 e a expectativa, segundo o FMI, é de que esse percentual continue crescendo nos próximos anos, de forma paralela aos gastos do governo. O nível de endividamento da China não é particularmente alto, especialmente se comparada a outras economias de grande porte, como Estados Unidos e Japão.

GRÁFICO 6 – RAZÃO DÍVIDA PÚBLICA/PIB DA CHINA (%)



Fonte: FMI.

³ Fonte: Euromonitor.

⁴ Fonte: FMI.

A taxa de juros de médio prazo, ferramenta utilizada pelo Banco Popular da China (BPC) para implementação de política monetária no país, vem sendo reduzida lentamente desde 2020. No período pré-pandêmico ela flutuou sempre próxima aos 3,3%⁵, mas os desafios impostos pela COVID-19 propiciaram ao país uma política monetária expansionista: num primeiro momento a taxa foi reduzida para 2,95% e, desde então, sofreu sucessivos reajustes chegando aos atuais 2,5%. Apesar dessa estratégia expansionista, o BPC tem mantido a inflação no país controlada e conta com uma credibilidade alta se comparado a outros mercados emergentes. A inflação tem sido baixa, em torno de 2%. Em 2023, a inflação apurada foi de apenas 0,2%, mas deve voltar a patamares próximos aos 2% nos anos subsequentes. Com o fortalecimento do dólar no cenário internacional, em grande parte pela elevação da taxa básica de juros norte-americana pelo Sistema de Reserva Federal, o yuan chinês tem se desvalorizado, chegando a uma cotação média de CNY 6,90/USD. No curto prazo a expectativa para o câmbio é de pouca variação, tendendo à média de CNY 7,00/USD.

Segundo a UNCTAD, a China foi o segundo maior destino de investimentos estrangeiros em 2022, com US\$ 189 bilhões, um crescimento de 5% em relação ao ano anterior⁶. O incremento foi consideravelmente superior, entre 2020 e 2021, quando o fluxo de investimentos no país saiu de US\$ 149 bilhões para US\$ 181 bilhões, um aumento de 21,5%.

Os investimentos para os próximos anos tendem a se reduzir gradualmente conforme se observam as dinâmicas de *reshoring*, *nearshoring* e outros temas geopolíticos e de diversificação nas cadeias produtivas. Outros mercados asiáticos, como da ASEAN, se tornarão grandes destinos de investimentos, desviando parte do fluxo que, em anos recentes, teria ido para a China.

⁵ Fonte: EIU.

⁶ Em 2023, a China ocupou a quarta posição como maior destino de investimentos (segundo relatório de abril de 2024 da OCDE).





CAPÍTULO 2
COMÉRCIO BILATERAL



2. Comércio Bilateral

2.1. A China e o Comércio Internacional

Plenamente integrada às principais cadeias regionais e globais de valor, a China ocupa papel central no comércio internacional. Em um relativamente curto espaço de tempo, a China tornou-se a maior nação mercantil do mundo. Em 2003, o país detinha a quarta maior corrente comercial, atrás de Estados Unidos, Alemanha e Japão. Desde 2013, porém, a China ocupa a primeira colocação. Em 2023, a corrente de comércio chinesa alcançou US\$ 5,9 trilhões, contra US\$ 5,2 trilhões da corrente comercial dos Estados Unidos. O Brasil, por sua vez, tem uma economia relativamente fechada para o tamanho do seu Produto Interno Bruto. A corrente comercial brasileira somou US\$ 580,5 bilhões, equivalendo a 22ª maior corrente comercial em 2023. A título de comparação, Polônia e Turquia, economias significativamente menores que a brasileira, ficaram à frente do Brasil em termos de fluxos comerciais.⁷

TABELA 1 – CORRENTE DE COMÉRCIO (2023)*

<i>País</i>	<i>Corrente de Comércio (US\$ bilhões)</i>	<i>Ranking</i>
China	5.948,0	1º
Estados Unidos	5.191,7	2º
Alemanha	3.172,1	3º
Japão	1.506,2	4º
França	1.409,6	5º
Países Baixos	1.405,9	6º
Itália	1.317,0	7º
Reino Unido	1.311,5	8º
Coreia do Sul	1.274,8	9º
Hong Kong (China)	1.231,7	10º
Brasil	580,5	22º

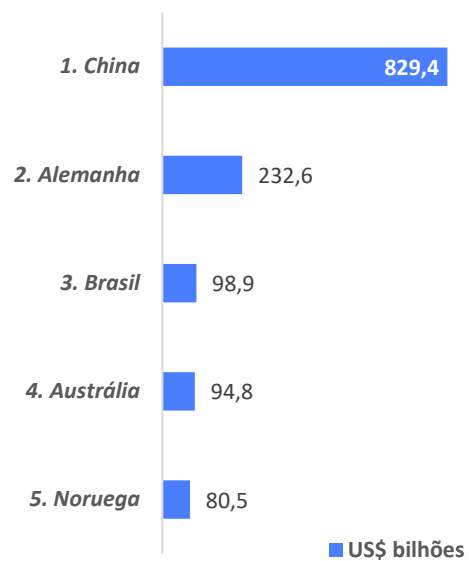
FONTE: TRADE MAP/ITC. *NO MOMENTO DA PRODUÇÃO DO ESTUDO (MAIO DE 2024), PAÍSES COMO VIETNÃ E RÚSSIA NÃO HAVIAM DIVULGADO DADOS DE COMÉRCIO PARA 2023.

O comércio internacional é uma grande fonte de divisas estrangeiras para a China, visto que o país acumulou um superávit comercial de US\$ 829,4 bilhões em 2023, o maior do mundo. Há de se destacar, mais uma vez, o impressionante dinamismo comercial do país asiático, visto que, entre 2019 e 2023, o saldo comercial chinês cresceu 92,1%, enquanto a corrente de comércio cresceu apenas 30,3% durante o mesmo período.

⁷ Trade Map/ITC.

O Brasil, por sua vez, apresentou o 3º maior superávit em 2023, totalizando US\$ 98,8 bilhões. Ressalta-se, entretanto, que países como Rússia, Arábia Saudita, Catar, Emirados Árabes e Kuwait, que tiveram superávit superior ao do Brasil em 2022, ainda não registraram seus dados de comércio para 2023. Esses mercados apresentam elevado grau de dependência nos embarques de petróleo e derivados. O peso desses produtos nas pautas de exportação em 2022 variou entre 68,5% (Rússia e Emirados Árabes Unidos) e 99% (Irã), enquanto na pauta brasileira do mesmo ano essa participação foi de 17%, demonstrando que as exportações brasileiras apresentam maior diversificação.

GRÁFICO 7 – MAIORES SUPERÁVITS COMERCIAIS (2023)



FONTE: TRADE MAP/ITC (ÚLTIMO ACESSO 20/06/2024).

2.2. Exportações da China

A China foi a maior exportadora mundial em 2023, com vendas somando US\$ 3,4 trilhões. Seus destinos de exportações são relativamente diversificados, com os Estados Unidos representando 14,8% da pauta, Hong Kong (China) representando 8,2% e nenhum outro destino representando mais que 5% do total.⁸ Duas observações são dignas de nota: a primeira, é que sete dos dez principais destinos da China fazem fronteira terrestre ou marítima com o país, revelando a importância da cadeia regional de valor da Ásia para o comércio chinês. Somados, esses sete destinos asiáticos representaram 30,6% das vendas externas chinesas. A segunda observação é que o principal destino dos embarques chineses em 2023 foram os Estados Unidos, já a China foi a segunda principal fornecedora para o país norte-americano, sendo ultrapassada em 2023 pelo México. Apesar da crescente rivalidade geopolítica entre os dois países, eles compartilham uma forte relação comercial, revelando a centralidade que ambos ocupam na economia global e uma intensa interdependência econômica.

O Brasil se posicionou entre os 20 principais destinos das exportações chinesas, ficando na 18ª posição em 2023. Entre os países do continente americano, o Brasil ficou atrás dos Estados Unidos e do México como destino das vendas chinesas. As vendas para o Brasil totalizaram US\$ 59,1 bilhões em 2023.

⁸ O Trade Map diferencia o comércio com Hong Kong e Macau (Regiões Administrativas Especiais) do comércio com a China.

TABELA 2 – PRINCIPAIS DESTINOS DAS EXPORTAÇÕES DA CHINA (2023)

<i>Destinos das Exportações Chinesas</i>	<i>Valor Exportado (US\$ bilhões)</i>	<i>Participação</i>	<i>Ranking</i>
Estados Unidos	502,0	14,8%	1º
Hong Kong (China)	276,4	8,2%	2º
Japão	157,6	4,7%	3º
Coreia do Sul	149,3	4,4%	4º
Vietnã	138,2	4,1%	5º
Índia	117,8	3,5%	6º
Rússia	111,1	3,3%	7º
Alemanha	100,6	3,0%	8º
Países Baixos	100,3	3,0%	9º
Malásia	88,1	2,6%	10º
Brasil	59,1	1,7%	18º
Outros	1.588,2	46,9%	-
Total	3.388,7	100,0%	-

FONTE: TRADE MAP/ITC.

A pauta de exportação chinesa é bastante diversificada, com nenhum grupo de produtos representando mais que 10% do total e os dez grupos mais exportados somando apenas 35,4% do total. Percebe-se elevada concentração de bens manufaturados nas exportações chinesas, variando desde bens de médio valor agregado, como artigos de plástico, até bens de elevado valor agregado e sofisticação tecnológica, como smartphones e computadores. O valor exportado pela China apresentou elevado crescimento entre 2019 e 2023, crescendo a uma média anual de 7,9%, 6,3 pontos percentuais acima da média anual verificada entre 2014 e 2019, de 1,6%. O primeiro grupo de produtos agrícolas que aparece na pauta exportadora da China é “Produtos hortícolas, frescos ou refrigerados”, na 94ª posição, com vendas externas de US\$ 8,2 bilhões. Essa baixa participação da agricultura proporcionalmente à pauta exportadora deve-se não apenas à vocação fabril do país, mas também devido ao fato de a China ser uma importadora líquida de bens agrícolas e de alimentos.

TABELA 3 – PRINCIPAIS EXPORTAÇÕES DA CHINA (2023)

<i>Grupo de Produtos</i>	<i>Valor exportado (US\$ bilhões)</i>	<i>Participação</i>	<i>CMA (2019-2023)</i>
<i>Equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios</i>	268,2	7,9%	0,1%
<i>Válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores</i>	198,1	5,8%	9,7%
<i>Máquinas de processamento automático de dados e suas unidades, para registrar dados, leitores magnéticos ou óticos</i>	149,9	4,4%	0,2%
<i>Máquinas e aparelhos elétricos</i>	136,3	4,0%	16,9%
<i>Carrinhos de bebê, brinquedos, jogos e artigos esportivos</i>	92,0	2,7%	9,0%
<i>Veículos automóveis de passageiros</i>	77,7	2,3%	73,2%
<i>Móveis e suas partes; roupas de cama, colchões, suportes de colchão, almofadas e semelhantes</i>	75,6	2,2%	4,4%
<i>Outros artigos de plásticos</i>	71,8	2,1%	10,4%
<i>Operações especiais e commodities não classificadas de acordo com o tipo</i>	65,5	1,9%	40,0%
<i>Equipamentos elétricos e não elétricos de uso doméstico</i>	63,3	1,9%	8,7%
<i>Outros</i>	2.190,4	64,6%	7,7%
Total	3.388,7	100,0%	7,9%

FONTE: TRADE MAP/ITC. NOTA: “CMA”: CRESCIMENTO MÉDIO ANUAL.

2.3. Importações da China

Com importações totalizando US\$ 2,6 trilhões, a China foi a segunda maior importadora do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos, cujas compras internacionais somaram US\$ 3,2 trilhões em 2023. Assim como é o caso com os destinos das exportações da China, a pauta importadora chinesa é relativamente desconcentrada no que tange às origens das importações, uma vez que nenhum fornecedor detém *market share* maior que 8%. Mais uma vez, percebe-se a importância do leste asiático para o comércio internacional chinês, visto que seis dos dez maiores fornecedores para a China fazem parte do seu entorno regional e representam, juntos, 33,8% do total importado pelo país em 2023.

O Brasil, diferentemente do que ocorre como destino das exportações chinesas, é um importante fornecedor das importações do país asiático, com *market share* de 4,8% no mercado chinês em 2023. Naquele ano, o Brasil esteve entre os dez maiores fornecedores globais para a China, o segundo entre os países do continente americano e o primeiro fornecedor da América Latina. Levando em consideração os países emergentes, segundo a classificação do FMI⁹, o Brasil também se destaca conforme abaixo:

TABELA 4 – PAÍSES EMERGENTES: PRINCIPAIS FORNECEDORES DAS IMPORTAÇÕES DA CHINA (2023)¹⁰

<i>Origem das Importações</i>	<i>Valor Importado</i>	<i>Participação</i>
<i>Chinesas</i>	<i>(US\$ bilhões)</i>	
<i>Rússia</i>	128,5	5,0%
<i>Brasil</i>	122,5	4,8%
<i>Malásia</i>	102,5	4,0%
<i>Indonésia</i>	74,2	2,9%
<i>Arábia Saudita</i>	64,3	2,5%
<i>Outros</i>	2.067,3	80,8%
<i>Total</i>	2.559,3	100,0%

FONTE: TRADE MAP/ITC.

Quando comparada à pauta de exportação, a pauta de importação chinesa apresenta relativa concentração, com os dois primeiros grupos de produtos representando 28,5% do total importado, e os dez primeiros grupos representando 50,6% do total. Ademais, diferentemente do que ocorre com as exportações, bens agropecuários e da indústria extrativa possuem elevada participação nas importações do país, visto que metade dos dez principais produtos importados são *commodities* agrícolas, metálicas ou energéticas. Entre 2019 e 2023, o valor importado pela China cresceu 5,5% ao ano, ritmo menor do que aquele apresentado pelo crescimento das exportações, indicando um aumento do saldo comercial chinês ao longo do período, conforme já apresentado.

⁹ **Classificação do FMI.** Consideram-se 20 emergentes: África do Sul, Arábia Saudita, Argentina, Brasil, Chile, China, Colômbia, Egito, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Hungria, Indonésia, Irã, Malásia, México, Polônia, Rússia, Tailândia e Turquia.

¹⁰ Os dados comerciais dos parceiros do Brasil são obtidos via Trade Map, o que explica diferenças entre os dados reportados pelo Comex Stat e o Trade Map. Por exemplo, o valor de importações de produtos brasileiros reportado pela China foi US\$ 122,5 bilhões, enquanto o Brasil reportou que exportou para a China US\$ 104,3 bilhões.

TABELA 5 - PRINCIPAIS IMPORTAÇÕES DA CHINA (2023)

Grupo de Produtos	Valor importado (US\$ bilhões)	Participação	CMA (2019-2023)
Válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores	550,2	21,5%	9,3%
Minério de ferro e seus concentrados	179,9	7,0%	5,0%
Ouro, não monetário (excluindo minérios de ouro e seus concentrados)	132,4	5,2%	7,3%
Gás natural, liquefeito ou não	83,7	3,3%	24,1%
Minérios de cobre e seus concentrados	78,9	3,1%	-4,5%
Soja	60,7	2,4%	15,7%
Outras máquinas e equipamentos especializados para determinadas indústrias e suas partes	58,7	2,3%	4,9%
Carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado	52,1	2,0%	9,2%
Cobre	51,0	2,0%	1,5%
Veículos automóveis de passageiros	47,1	1,8%	17,0%
Outros	1.264,6	49,4%	3,3%
Total	2.559,3	100,0%	5,5%

FONTE: TRADE MAP/ITC.

2.4. Comércio Brasil-China

TABELA 6 – PRINCIPAIS PARCEIROS DO BRASIL (2023): CORRENTE COMERCIAL¹¹

País	Valor (US\$ bilhões)
China	157,5
Estados Unidos	74,9
Argentina	28,7
Alemanha	18,8
Países Baixos (Holanda)	15,0

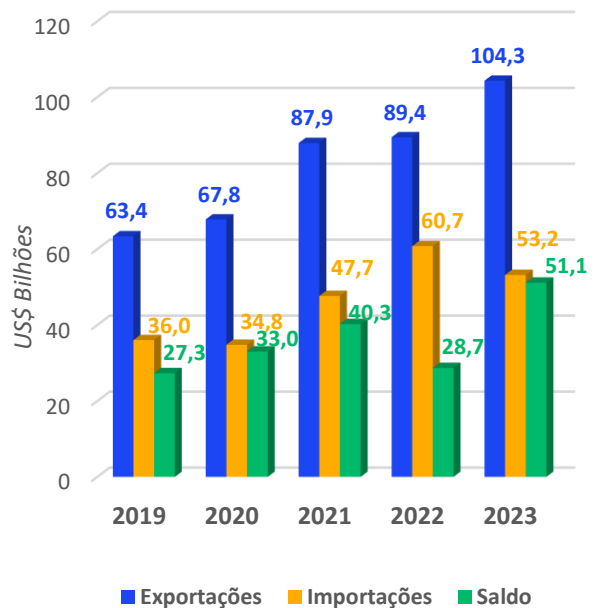
FONTE: COMEX STAT/MDIC.

¹¹ O Trade Map e o Comex Stat reportam valores diferentes.

A China é a maior parceira comercial do Brasil desde 2009. Naquele ano, a corrente comercial Brasil-China superava a corrente Brasil-Estados Unidos pela primeira vez. Em 2023, o comércio do Brasil com a China somava US\$ 157,5 bilhões e representava 27,1% do comércio externo brasileiro, proporção maior, inclusive, do que o intercâmbio brasileiro com os 27 países da União Europeia, de 15,8%.¹²

O comércio com a China é uma importante fonte de divisas estrangeiras para o Brasil. O superávit de US\$ 51,2 bilhões com a China representou 51,7% do superávit total do Brasil em 2023. A título de comparação, o segundo maior superávit do Brasil, com os Países Baixos, é quase US\$ 42 bilhões menor. Entre 2001 e 2023, a balança comercial do Brasil com a China foi deficitária em apenas duas ocasiões (2007 e 2008).

GRÁFICO 8 – BALANÇA COMERCIAL BRASIL-CHINA



FONTE: COMEX STAT/MDIC.

2.5. Exportações do Brasil para a China

Em 2002, a China superou o Japão como principal destino asiático das exportações brasileiras e, em 2009, superou os Estados Unidos como principal destino mundial das vendas externas do país. Em 2023, os embarques brasileiros para a China somaram US\$ 104,3 bilhões, valor quase três vezes maior que as exportações do Brasil para os Estados Unidos. No mesmo ano, a participação chinesa como destino das exportações brasileiras foi de 30,7%, um valor elevado, mas menor do que a máxima de 32,4% alcançada em 2020, durante o auge da pandemia de Covid-19.¹³

¹² Comex Stat/MDIC.

¹³ O Comex Stat diferencia o comércio com Hong Kong e Macau do comércio com a China. Em 2023, as exportações para as duas Regiões Administrativas Especiais foram de US\$ 1,4 bilhão e US\$ 2,8 milhões, respectivamente.

TABELA 7 – PRINCIPAIS DESTINOS DAS EXPORTAÇÕES DO BRASIL (2023)

País	Valor (US\$ bilhões)	Participação
China	104,3	30,7%
Estados Unidos	36,9	10,9%
Argentina	16,7	4,9%
Países Baixos	12,2	3,6%
México	8,6	2,5%

FORNTE: COMEX STAT/MDIC.

A pauta de exportação brasileira para a China é extremamente concentrada, com três grupos de produtos representando 75,1% do total exportado para o país. Percebe-se uma pauta concentrada em *commodities*, com predomínio de produtos da agropecuária e da indústria extrativa e de produtos de menor sofisticação tecnológica da indústria de transformação. Destaca-se, também que os três primeiros grupos de produtos exportados para a China coincidem com os três primeiros grupos das exportações totais do Brasil para o mundo, mas com pesos diferentes. Enquanto a participação de “Soja” na pauta para a China é de 37,3%, na pauta total é de 15,7%. “Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus” representou 19% do que o Brasil exportou para a China e 12,5% do exportado para o mundo. Já 18,9% do que o Brasil exportou para o país asiático foi “Minério de ferro e seus concentrados”, enquanto o mesmo grupo de produtos representou 9% do total exportado pelo Brasil para o mundo.

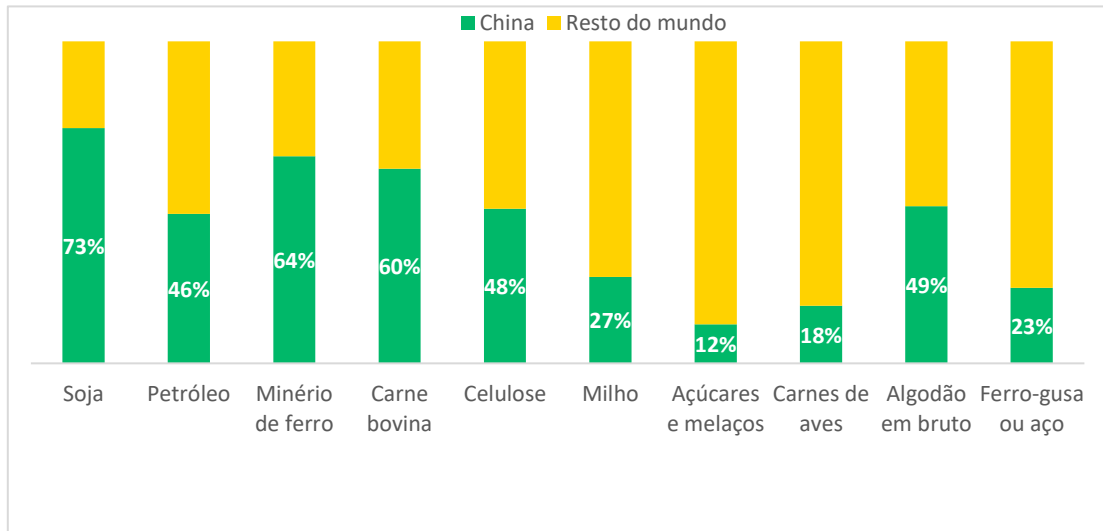
TABELA 8 – PRINCIPAIS EXPORTAÇÕES DO BRASIL PARA A CHINA (2023)

Grupo de Produtos	Valor exportado (US\$ bilhões)	Participação	CMA (2019-2023)
Soja	38,9	37,3%	17,4%
Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus	19,8	19,0%	6,3%
Minério de ferro e seus concentrados	19,7	18,9%	9,8%
Carne bovina fresca, refrigerada ou congelada	5,7	5,5%	20,9%
Celulose	3,8	3,7%	4,0%
Milho não moído, exceto milho doce	3,6	3,5%	324,8%
Açúcares e melaços	1,9	1,8%	48,7%
Carnes de aves e suas miudezas comestíveis, frescas, refrigeradas ou congeladas	1,6	1,5%	6,8%
Algodão em bruto	1,5	1,4%	16,3%
Ferro-gusa, spiegel, ferro-esponja, grânulos e pó de ferro ou aço e ferro-ligas	1,3	1,3%	3,1%
Outros	6,4	6,1%	10,4%
Total	104,3	100,0%	13,3%

FORNTE: COMEX STAT/MDIC.

Os dez principais grupos de produtos exportados para o país asiático demonstram grande dependência do mercado chinês. Oito dos principais produtos vendidos pelo Brasil para a China dependem do país asiático para mais de 20% de suas exportações. Alguns casos são ainda mais extremos: em 2023, mais de 60% da soja, do minério de ferro e da carne bovina exportada pelo Brasil teve a China como destino.

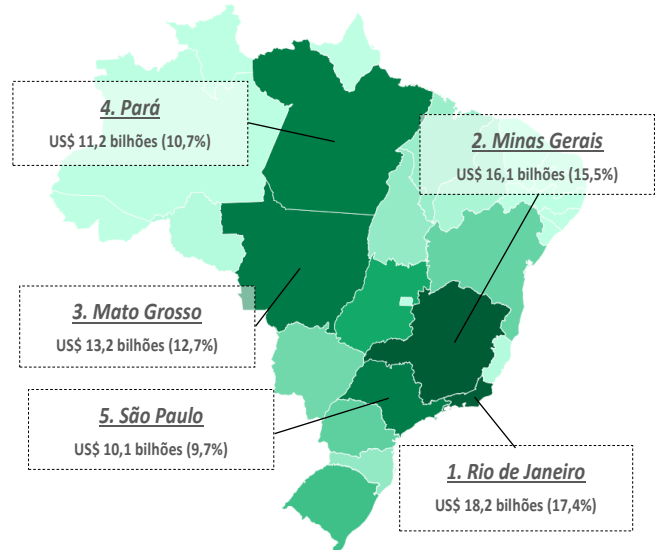
GRÁFICO 9 – DEPENDÊNCIA DO MERCADO CHINÊS (2023)



FONTE: COMEX STAT/MDIC.

Em nível estadual também se percebe relativa concentração das unidades federativas brasileiras de onde se originam as exportações para o país asiático. Os cinco maiores estados exportadores representaram quase 66% do total exportado para a China em 2023. Não surpreende que Rio de Janeiro, Minas Gerais e Mato Grosso, respectivamente, ocupem as primeiras posições, visto o peso que esses estados possuem na produção nacional de petróleo (Rio de Janeiro), minério de ferro (Minas Gerais) e soja (Mato Grosso), justamente os três produtos mais exportados para a China. Mesmo São Paulo, com o maior parque industrial do Brasil, tem uma pauta de exportação para a China concentrada em *commodities*, com soja e petróleo respondendo por 46,2% do total exportado pelo estado.

MAPA 1 – EXPORTAÇÕES DO BRASIL PARA A CHINA POR UNIDADE FEDERATIVA (2023)



FONTE: COMEX STAT/MDIC.

Do lado chinês, percebe-se elevada concentração quanto aos destinos internos das exportações brasileiras para a China.¹⁴ Apenas cinco subdivisões em nível provincial concentraram 63,4% do total importado pela China do Brasil.¹⁵ Os 36,6% restantes foram distribuídos entre as demais 28 subdivisões administrativas. Chama atenção o fato de que as cinco subdivisões, apesar de representarem quase dois terços das importações oriundas do Brasil, correspondem a apenas 25,5% da população do país.¹⁶ Pequim, capital e uma das quatro Cidades Administrativas, sozinha importou US\$ 29,7 bilhões em bens originários do Brasil, equivalente a 24,3% do total. “Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus” representou 65,9% do total importado do Brasil pela capital chinesa.

TABELA 9 – IMPORTAÇÕES DA CHINA ORIGINÁRIAS NO BRASIL (2023)¹⁷

<i>Província</i>	<i>Valor (US\$ bilhões)</i>	<i>Participação</i>
<i>Beijing (Pequim)</i>	<i>29,7</i>	<i>24,3%</i>
<i>Shandong</i>	<i>15,1</i>	<i>12,3%</i>
<i>Jiangsu</i>	<i>13,0</i>	<i>10,6%</i>
<i>Shanghai (Xangai)</i>	<i>12,1</i>	<i>9,8%</i>
<i>Guangdong</i>	<i>7,8</i>	<i>6,4%</i>

FORNTE: TRADE DATA MONITOR.

¹⁴ Trade Data Monitor.

¹⁵ O país é dividido administrativamente em 22 Províncias, cinco Regiões Autônomas, quatro Cidades Administrativas sob jurisdição do Governo Central e duas Regiões Administrativas Especiais (Hong Kong e Macau).

¹⁶ China Statistical Yearbook 2023 (últimos dados disponíveis até 2022).

¹⁷ O Trade Data Monitor e o Comex Stat reportam valores diferentes.

2.6. Importações do Brasil Oriundas da China

TABELA 10 – PRINCIPAIS FORNECEDORES DAS IMPORTAÇÕES DO BRASIL (2023)

<i>País</i>	<i>Valor (US\$ bilhões)</i>	<i>Participação</i>
<i>China</i>	<i>53,2</i>	<i>22,1%</i>
<i>Estados Unidos</i>	<i>38,0</i>	<i>15,8%</i>
<i>Alemanha</i>	<i>13,2</i>	<i>5,5%</i>
<i>Argentina</i>	<i>12,0</i>	<i>5,0%</i>
<i>Rússia</i>	<i>10,0</i>	<i>4,2%</i>

FORNTE: COMEX STAT/MDIC.

A China é a principal origem asiática das importações brasileiras desde 2004, quando passou à frente do Japão. Em 2012, pela primeira vez a China suplantou os Estados Unidos como principal fornecedora do Brasil, posição esta que ocupou todos os anos desde então, com exceção de 2016 e 2017, quando os Estados Unidos brevemente ultrapassaram a China. Em 2023, as importações do Brasil oriundas da China somaram US\$ 53,2 bilhões, equivalente a 22,1% do total importado pelo Brasil, contra 15,8% de participação dos Estados Unidos. Nos últimos cinco anos, a tendência tem sido de aumento da participação chinesa. Entre 2019 e 2023, as importações totais do Brasil cresceram a um ritmo de 6,7% ao ano, enquanto as importações oriundas da China cresceram 10,2% ao ano durante o mesmo período.¹⁸

Diferentemente do que ocorre com as exportações brasileiras, a pauta de importações oriundas da China apresenta relativa diversificação. Enquanto os três principais produtos exportados pelo Brasil para o país asiático representam 75,1% do total, os três principais produtos importados representaram apenas 21% do total. Ademais, em contraste com a pauta exportadora do Brasil, onde predominam matérias primas e demais produtos de menor valor agregado, a pauta importadora é composta por produtos manufaturados e semimanufaturados, alguns com elevado grau de sofisticação tecnológica e alto valor agregado, como smartphones, máquinas e equipamentos.

¹⁸ O Comex Stat diferencia o comércio com Hong Kong e Macau do comércio com a China. Em 2023, as importações originárias das duas Regiões Administrativas Especiais foram de US\$ 743,8 milhões e US\$ 2,7 milhões, respectivamente.

TABELA 11 – PRINCIPAIS IMPORTAÇÕES DO BRASIL ORIUNDAS DA CHINA (2023)

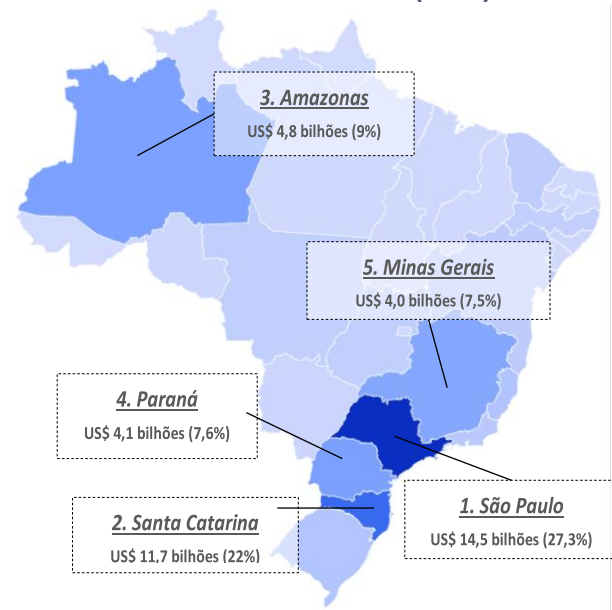
<i>Grupo de Produtos</i>	<i>Valor importado (US\$ bilhões)</i>	<i>Participação</i>	<i>CMA (2019-2023)</i>
<i>Válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores</i>	5,4	10,2%	25,0%
<i>Equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios</i>	3,2	6,0%	-6,5%
<i>Compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais, e sulfonamidas</i>	2,6	4,8%	9,7%
<i>Aubos ou fertilizantes químicos (exceto fertilizantes brutos)</i>	1,6	3,1%	23,3%
<i>Inseticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas, reguladores de crescimento para plantas, desinfetantes e semelhantes</i>	1,6	3,0%	27,5%
<i>Máquinas e aparelhos elétricos</i>	1,6	2,9%	5,7%
<i>Máquinas de energia elétrica (exceto planta elétrica rotativa do grupo 716) e suas partes</i>	1,2	2,2%	17,6%
<i>Veículos automóveis de passageiros</i>	1,1	2,0%	82,4%
<i>Produtos laminados planos de ferro ou aço não ligado, folheados ou chapeados, ou revestidos</i>	1,1	2,0%	26,9%
<i>Aparelhos elétricos para ligação, proteção ou conexão de circuitos</i>	1,0	1,9%	3,1%
<i>Outros</i>	32,9	61,8%	9%
Total	53,2	100,0%	10,2%

FORTE: COMEX STAT/MDIC.

No que diz respeito aos destinos estaduais das importações oriundas da China, percebe-se elevada concentração, uma vez que os cinco principais estados importadores concentraram 73,4% do total importado da China em 2023. Com US\$ 14,5 bilhões em importações, o estado de São Paulo foi responsável por 27,3% das importações brasileiras originárias na China. São Paulo é seguido por Santa Catarina que respondeu por 22% do total importado. Chama atenção o estado do Amazonas aparecer na terceira posição, com participação de 9%, igual à participação de todos os estados do Nordeste somados, de 9%, e maior do que dos estados do Centro-Oeste, 4,2%. Essa elevada participação do Amazonas deve-se à Zona Franca de Manaus, que importa máquinas, equipamentos e componentes chineses utilizados no parque industrial amazonense.

Conforme apresentado previamente, as importações do Brasil oriundas da China cresceram 10,2% ao ano entre 2019 e 2023. Das 27 unidades federativas do Brasil, apenas três apresentaram contração no período analisado: Rio de Janeiro, Rondônia e Tocantins. A contração das importações do Rio de Janeiro foi particularmente acentuada, caindo consistentemente entre 2019 e 2023. Nesse período, as importações passaram de US\$ 3,3 bilhões em 2019 para US\$ 1,7 bilhão em 2023, equivalente a uma contração média anual de 15%, o que fez o Rio de Janeiro passar de quarto maior importador para oitavo.

MAPA 2 – IMPORTAÇÕES DO BRASIL VINDAS DA CHINA POR UNIDADE FEDERATIVA (2023)



FONTE: COMEX STAT/MDIC.

Cinco subdivisões administrativas chinesas (Guangdong, Jiangsu, Zhejiang, Shandong e Xangai) concentraram 68% do total exportado para o Brasil em 2023. Essa proporção é representativa das exportações totais do país asiático, visto que as mesmas subdivisões representaram 67,6% das exportações totais da China no mesmo ano. Além de essas subdivisões administrativas estarem localizadas junto ao litoral sudeste do país, elas sediam o maior número de zonas econômicas especiais (ZEE), estabelecidas no final da década de 1970 e ao longo da década de 1980. As ZEEs permitiram ao governo central experimentar reformas de mercado geograficamente restritas e atração de investimentos estrangeiros, dando início ao modelo de crescimento econômico com base em exportações, inserindo o país nas cadeias globais de valor.¹⁹

¹⁹ Experience Gained in the Development of China's Special Economic Zones, China Development Bank. Disponível em: <https://www.worldbank.org/content/dam/Worldbank/Event/Africa/Investing%20in%20Africa%20Forum/2015/investing-in-africa-forum-chinas-special-economic-zone.pdf>

TABELA 12 – PRINCIPAIS PROVÍNCIAS EXPORTADORAS PARA O BRASIL (2023)

<i>Província</i>	<i>Valor (US\$ bilhões)</i>	<i>Participação</i>
<i>Zhejiang</i>	<i>13,4</i>	<i>22,8%</i>
<i>Guangdong</i>	<i>10,0</i>	<i>17%</i>
<i>Jiangsu</i>	<i>8,9</i>	<i>15%</i>
<i>Shandong</i>	<i>4,9</i>	<i>8,4%</i>
<i>Shanghai (Xangai)</i>	<i>2,8</i>	<i>4,8%</i>

FORNTE: TRADE DATA MONITOR.

2.7. Projetos Setoriais da Agência com Foco na China

Diante da importância do mercado chinês para o comércio exterior do Brasil, a ApexBrasil tem 19 projetos setoriais com foco no país. Esses projetos, executados em parceria com as associações dos setores econômicos contemplados, abrangem diversos complexos produtivos, conforme observado na Tabela 5.

TABELA 13 - PROJETOS SETORIAIS DA APEXBRASIL COM FOCO NA CHINA

<i>Complexo</i>	<i>Projeto</i>
Alimentos, bebidas e agronegócios	<i>ABICAB (chocolates, amendoim e balas), ABIEC (carne bovina), ABIMAPI (massas e preparações), ABIPESCA (pescados), ABPA (proteína animal), ABRA (reciclagem animal), ABRAPA (algodão), BSCA (cafés especiais), CONSEVITS-RS (vitivinicultura), IBRAFE (feijão e pulses), UNEM (farelo de milho), UNICA (açúcar e etanol) e VIVALACTEOS (laticínios)</i>
Casa e construção	<i>CENTROROCHAS (rochas ornamentais)</i>
Moda	<i>ABEST (design de moda), ASSINTECAL (componentes para calçados), CICB (couro) e IBGM (gemas e metais preciosos)</i>
Multissetorial e outros	<i>ABF (franquias)</i>

FORNTE: APEXBRASIL.

2.8. Oportunidades para as Exportações Brasileiras

TABELA 14 - OPORTUNIDADES COMERCIAIS PARA EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS NA CHINA (2022)

Agrupamento	Valor importado (US\$ bilhões)	Número de Produtos (SH6)	Destaques
Combustíveis minerais, lubrificantes e materiais relacionados	370,5	4	Produtos residuais de petróleo e materiais relacionados
Matérias em bruto, não comestíveis, exceto combustíveis	334	66	Minério de ferro, soja, celulose, minérios de alumínio, algodão, outros minerais em bruto
Artigos manufaturados, classificados principalmente pelo material	70,7	120	Produtos de ferro e de aço, cobre, estanho, couro, madeiras trabalhadas, materiais de borracha
Produtos alimentícios e animais vivos	40,81	59	Carnes bovina e suína, trigo e centeio, açúcares e melações, arroz, produtos hortícolas, café, farelos de soja, frutas e nozes não oleaginosas
Outros	46,9	151	Motores de pistão e suas partes, máquinas e aparelhos elétricos, medicamentos, geradores
Total	862,8	400	

FONTE: [MAPA DE OPORTUNIDADES DA APEXBRASIL](#).

O [Mapa de Oportunidades da ApexBrasil](#) identifica 400 produtos (SH6) com oportunidades comerciais para as exportações brasileiras no mercado chinês. Essas oportunidades totalizam US\$ 862,8 bilhões, cujos valores, número de produtos e destaques são resumidos, por complexo, na tabela acima. Em termos de valor absoluto, destacam-se as oportunidades para vendas de *commodities* agrícolas, minerais e energéticas. Em termos de número de produtos, há boas perspectivas para as exportações de artigos manufaturados e de matérias em bruto, utilizadas como insumos industriais. A diversidade de bens importados pela China é evidenciada na coluna de destaques, cujos exemplos vão de café a motores de pistão.

As exportações do Brasil para a China podem ir muito além da venda de soja, minério de ferro e petróleo, e esses bens não refletem toda a diversidade da produção brasileira. Há, também, oportunidades para produtos intensivos em mão de obra, como a produção de frutas, como o mamão, e de castanhas, como a castanha de caju e a castanha-do-Brasil. Como a colheita é feita de forma manual, a capacidade de geração de emprego nessas culturas é elevada. Além disso, há de se destacar as oportunidades para especiarias, particularmente de pimenta-do-reino. Entre 2019 e 2022, as exportações de pimenta (do gênero *piper*), seca, não triturada nem em pó, cresceram a um ritmo de 10,4% ao ano, enquanto as importações chinesas diminuiriam 0,2% ao ano durante o mesmo período, resultando em ganho de participação de mercado para o Brasil. As vendas do principal concorrente do Brasil, a Indonésia, tiveram crescimento médio anual de 5,2% nesse período, taxa inferior à brasileira, o que indica oportunidade para a ampliação do *market share* do Brasil.

Para além de bens alimentícios, o Mapa também identifica oportunidades para bens de maior valor agregado, particularmente no segmento de máquinas e equipamentos de transporte. Em 2022, as exportações para a China de condensadores fixos eletrolíticos de alumínio foram de US\$ 53 milhões, ante importações chinesas de US\$ 1,7 bilhão desse produto. No mesmo ano, o Brasil exportou o equivalente a US\$ 21,7 milhões de outras partes


exclusiva ou principalmente destinadas a motores de pistão, de ignição por centelha, para a China, enquanto as importações do país asiático somaram US\$ 2 bilhões. Visto que as exportações totais do Brasil desse produto em 2022 somaram mais de US\$ 319 milhões, constata-se que o Brasil possui escala na produção desses bens e que parte dessa produção pode ser direcionada para a China.

Verifica-se, portanto, que as exportações para a China, embora atinjam valores recordes, ainda estão aquém do seu potencial em termos de diversidade de produtos ofertados. O maior adensamento do intercâmbio comercial entre as duas nações requer, necessariamente, o aproveitamento das oportunidades existentes para a indústria e a agricultura brasileiras.


O mercado chinês também oferece grandes oportunidade para o e-commerce brasileiro. De acordo com a Euromonitor, o equivalente a US\$ 1,5 trilhão em bens foram adquiridos no varejo chinês *online* em 2023, o que fez do país o maior mercado de e-commerce no mundo, superando os de Estados Unidos (US\$ 1,2 trilhão), Reino Unido (US\$ 185 bilhões), Coreia do Sul (US\$ 167 bilhões) e Japão (US\$ 138 bilhões).²⁰

²² Euromonitor.





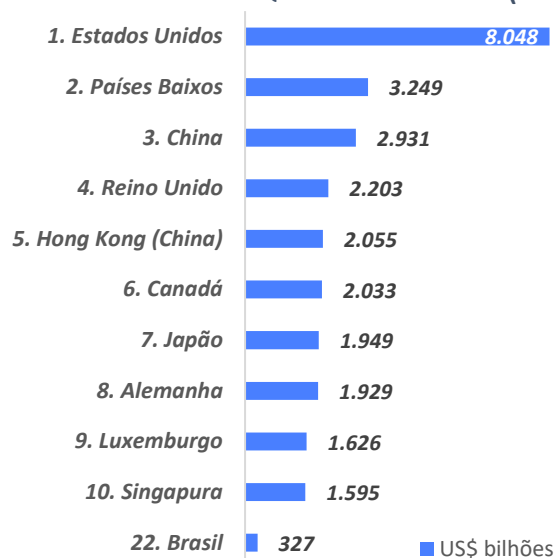
CAPÍTULO 3
INVESTIMENTOS
ESTRANGEIROS DIRETOS
DA CHINA NO BRASIL



3. Introdução

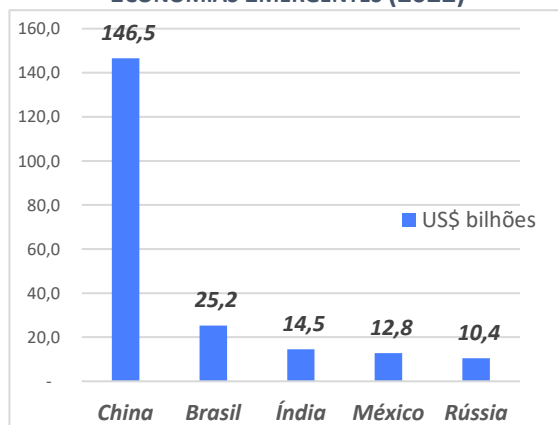
Além de ser uma grande receptora de investimentos estrangeiros, a China tornou-se uma grande emissora de investimento estrangeiro direto (IED), tanto por parte de empresas localizadas na parte continental do país quanto por empresas que investem via o hub financeiro de Hong Kong (China). Conforme a UNCTAD, em 2022 a China ocupava a terceira posição entre os maiores estoques externos de IED. No mesmo ano, o Brasil ocupou a 22ª colocação entre os maiores investidores e, entre os países emergentes, era o segundo maior investidor internacional, atrás apenas da China, e à frente de países como Índia, Rússia e México.²¹

GRÁFICO 10 – MAIORES ESTOQUES EXTERNOS DE IED (2022)



Fonte: UNCTAD.

GRÁFICO 11 – FLUXOS EXTERNOS DE IED DAS PRINCIPAIS ECONOMIAS EMERGENTES (2022)



Fonte: UNCTAD.

Em 2022, a China foi a terceira maior emissora de capitais, e a primeira entre as emergentes, com fluxo externo de investimentos totalizando US\$ 146,5 bilhões. No mesmo ano, o Brasil ocupou a 15ª posição geral em fluxo e a segunda colocação entre as economias emergentes. O Brasil ficou à frente, inclusive, de grandes emissores de capital, como Países Baixos e Emirados Árabes Unidos.

Empresas da China investem no exterior via intermediários financeiros, o que dificulta identificar os destinos finais do IED chinês. Conforme o National Bureau of Statistics of China, agência responsável pela coleta, pesquisa e publicação de estatísticas socioeconômicas do país, US\$ 2,2 trilhões do estoque chinês de IED em 2021 encontravam-se em três destinos: Hong Kong (China), Ilhas Virgens Britânicas e Ilhas Cayman. Esse montante representa 79,9% dos investimentos chineses no exterior. Segundo a Secretaria Especial da Receita Federal do

²¹ Classificação do FMI.

Brasil, por meio da Instrução Normativa RFB Nº 1037, de 04 de junho de 2010, esses destinos são países ou dependências que não tributam a renda ou que a tributam à alíquota inferior a 20% (vinte por cento) ou, ainda, cuja legislação interna não permite acesso a informações relativas à composição societária de pessoas jurídicas ou à sua titularidade. Conseqüentemente, não é possível fazer um comparativo de como o Brasil se posiciona entre os demais destinos de IED da China, quando medido por estoque de capital.

TABELA 15 – ESTOQUE DE IED CHINÊS NO MUNDO (2021)

	Valor (US\$ bilhões)	Participação		Valor (US\$ bilhões)	Participação
1. Hong Kong (China)	1.549,7	55,6%	7. Indonésia	20,1	0,7%
2. Ilhas Virgens Britânicas	447,5	16,1%	8. Reino Unido	19,0	0,7%
3. Ilhas Cayman	229,5	8,2%	9. Alemanha	16,7	0,6%
4. Estados Unidos	77,2	2,8%	10. Canadá	13,8	0,5%
5. Singapura	67,2	2,4%	21. Brasil	3,0	0,1%
6. Austrália	34,4	1,2%	Outros	307,1	11,0%
			TOTAL	2.785,1	100%

FONTE: NATIONAL BUREAU OF STATISTICS OF CHINA.

A maior parte dos investimentos estrangeiros da China são no setor terciário²². Três setores ocupam as primeiras posições entre os investimentos chineses no exterior, sendo que “Leasing e Atividades Profissionais”, sozinho, representa 40% do total. “Indústrias de transformação”, com participação de 9,5% no estoque de IED chinês, ocupa a quarta colocação e é o primeiro que não compõe o setor de serviços. Conforme ver-se-á mais adiante, a participação de “Atividades Extrativas” e de “Eletricidade e Gás” no portfólio chinês é relativamente baixa, mas representa enorme parcela do estoque de capital chinês investido no Brasil.

TABELA 16 – DISTRIBUIÇÃO DO IED CHINÊS POR PRINCIPAIS SETORES (2021)

Setor de Atividade Econômica	Valor (US\$ bilhões)	Participação
Leasing e Atividades Profissionais	1.115,2	40,0%
Atacado e Varejo	369,6	13,3%
Atividades Financeiras, de Seguros e Serviços Relacionados	300,4	10,8%
Indústrias de Transformação	263,3	9,5%
Indústrias Extrativas	181,5	6,5%
Informação e Comunicação	160,2	5,8%
Atividades Imobiliárias	92,9	3,3%
Transporte, Armazenagem e Correio	91,7	3,3%
Construção	55,1	2,0%
Eletricidade e Gás	50,5	1,8%
Outros	104,8	3,8%
TOTAL	2.785,1	100,0%

FONTE: NATIONAL BUREAU OF STATISTICS OF CHINA.

²² Conforme o padrão nacional de classificação industrial da China (National Standard of Industry Classification).

3.1. Estoque de Investimentos da China no Brasil

A China apresentou um considerável aumento de participação entre os maiores investidores estrangeiros no Brasil ao longo da década passada.²³ O estoque de capital chinês investido no Brasil, que em 2010 totalizava US\$ 8 bilhões, em 2022 já era de US\$ 37,1 bilhões, equivalente a um crescimento médio de 13,7% ao ano.²⁴ A título de comparação, o estoque total de IED no Brasil cresceu a um ritmo de apenas 3,7% ao ano ao longo do mesmo período. Se em 2010 a China ocupava a 17ª posição entre os maiores investidores no Brasil, com participação de 1,2% do estoque total, em 2022 a China já era o oitavo maior investidor no país, com participação de 3,5% no estoque de IED. Além de ter deslocado o Japão como maior investidor asiático no Brasil, a China já está à frente de investidores históricos como Alemanha e Itália.²⁵

Tomando um período mais recente, de 2018 a 2022, o estoque de IED no Brasil apresentou maior dinamismo, crescendo 9,4% ao ano. Mais uma vez, os investimentos chineses cresceram acima da média total, com expansão de 12,2% ao ano durante o mesmo período.

TABELA 17 – MAIORES INVESTIDORES NO BRASIL (2022)

<i>País</i>	<i>Valor (US\$ bilhões)</i>	<i>Participação</i>
<i>Estados Unidos</i>	<i>246,4</i>	<i>23,3%</i>
<i>Países Baixos</i>	<i>143,0</i>	<i>14,2%</i>
<i>França</i>	<i>55,6</i>	<i>5,3%</i>
<i>Espanha</i>	<i>52,3</i>	<i>5,0%</i>
<i>Reino Unido</i>	<i>51,5</i>	<i>4,9%</i>
<i>China (8º)</i>	<i>37,1</i>	<i>3,5%</i>

FONTES: BANCO CENTRAL DO BRASIL.

²³ Banco Central do Brasil.

²⁴ O National Bureau of Statistics of China e o Banco Central do Brasil reportam valores diferentes para o estoque de capital chinês investido no Brasil.

²⁵ O Banco Central do Brasil contabiliza os investimentos com origem em Hong Kong separados dos da China. Em 2022, o IED de Hong Kong no Brasil totalizava US\$ 4,9 bilhões, à frente de países como Colômbia e Austrália. Naquele ano, a Região Administrativa Especial foi a 25ª maior investidora estrangeira no Brasil.

Além do elemento quantitativo, também há de se destacar o elemento qualitativo dos investimentos chineses no Brasil. O investimento estrangeiro direto é composto por participação no capital e por operações intercompanhia.²⁶ Em 2022, a participação no capital representava 75,7% do estoque de capital estrangeiro investido no Brasil, enquanto as operações intercompanhia representavam 24,3% do total. No caso do estoque de capital chinês, 98,8% do total era composto por participação no capital, indicando interesse de longo prazo, por parte do investidor chinês, nas empresas investidas operando em território brasileiro. Esse interesse também é refletido pelo aumento da quantidade de empresas chinesas operando no Brasil. Segundo o Banco Central do Brasil, o número de empresas chinesas no país aumentou 89,7% entre 2010 e 2020, saltando de 126 para 239.

Há de se destacar, no entanto, que os investimentos chineses em participação no capital, que totalizaram US\$ 36,7 bilhões em 2022, são concentrados em apenas dois setores. Naquele ano, o IED chinês em “Eletricidade e Gás” e em “Indústrias Extrativas” concentravam 79,6% do estoque de capital chinês investido no Brasil, concentração pouco alterada em relação a 2018, quando a participação dos dois setores foi de 85,9%.²⁷ Embora a participação conjunta tenha mudado pouco, chama a atenção a queda da participação de “Eletricidade e Gás”, que passou de 60% para 40,3%, e o crescimento da participação de “Indústrias Extrativas”, que saltou de 25,7% para 39,4%.

Contrastando com a elevada participação dos setores supracitados nos investimentos chineses no Brasil, ressalta-se a baixa participação em outros setores, como tecnologia da informação e comunicação (0,7%), finanças (3,8%) e indústrias de transformação (7,1%). Ao comparar-se esses percentuais com a totalidade dos investimentos setoriais da China no mundo em 2021, de 5,8%, 10,8% e 9,5%, respectivamente, percebe-se que há uma baixa representatividade desses setores no estoque de capital chinês investido no Brasil (vide tabela 18).

²⁶ Conforme o Banco Central do Brasil, a participação no capital das empresas é o principal componente do investimento direto no caso da economia brasileira. A participação no capital significa que o investidor possui poder de voto igual ou superior a 10% em empresa ou fundo de investimento sediado em outra economia. Nessas condições, o investidor direto participa de forma efetiva das decisões de estratégia e gestão da empresa, mantendo em geral interesse de longo prazo na empresa investida. As operações intercompanhia compreendem os créditos concedidos e amortizações pagas entre empresas do mesmo grupo econômico residentes em países distintos, exceto corporações financeiras. As operações intercompanhia compreendem quaisquer instrumentos de dívida concedidos e amortizados entre empresas (e.g. empréstimos, créditos comerciais e títulos).

²⁷ As definições dos setores são compatíveis com a Classificação Nacional de Atividade Econômica (CNAE) versão 2.0, administrada pelo IBGE: <http://www.cnae.ibge.gov.br/>

TABELA 18 – DISTRIBUIÇÃO DO IED CHINÊS NO BRASIL POR SETOR (2022)

Setor de Atividade Econômica	Valor (US\$ milhões)	Participação
A - Agricultura, Pecuária, Produção Florestal e Aquicultura	567,4	1,5%
B - Indústrias Extrativas	14.445,4	39,4%
C - Indústrias de Transformação	2.611,4	7,1%
D - Eletricidade e Gás	14.783,1	40,3%
F - Construção	247,8	0,7%
G - Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas	1.589,6	4,3%
H - Transporte, Armazenagem e Correio	140,0	0,4%
I - Alojamento e Alimentação	-	-
J - Informação e Comunicação	268,7	0,7%
K - Atividades Financeiras, de Seguros e Serviços Relacionados	1.403,0	3,8%
L - Atividades Imobiliárias	452,4	1,2%
Outros	200,8	0,5%
Total	36.709,6	100,0%

FONTE: BANCO CENTRAL DO BRASIL

Comparando o estoque de investimentos da China com o dos demais investidores, percebe-se uma grande dependência brasileira do capital chinês justamente nos dois setores previamente destacados, “Indústrias Extrativas” e “Eletricidade e Gás”. Sozinha, a China responde por 18,3% do investimento estrangeiro no setor extrativo, participação superior à do Reino Unido e da Noruega, que respondem por 16,8% e 16,6% do IED em “Indústrias Extrativas”, respectivamente. Já no setor de “Eletricidade e Gás”, a China é o maior investidor, com participação de 33,1%, muito superior à participação do segundo maior investidor, a Itália, de 18,1%. Também impressiona como a China alcançou participações setoriais tão expressivas em espaço de tempo relativamente curto. Em 2010, o IED chinês no setor extrativo equivalia a 8,2% do total, enquanto os primeiros registros pelo Banco Central do Brasil de investimentos chineses no setor elétrico datam de 2011.

TABELA 19 – PARTICIPAÇÃO DA CHINA NOS PRINCIPAIS SETORES DE INVESTIMENTOS DO BRASIL (2022)

Setor de Atividade Econômica	Valor do estoque total (US\$ milhões)	Participação do setor no estoque total	Valor do estoque chinês (US\$ milhões)	Participação total da China no setor
A - Agricultura, Pecuária, Produção Florestal e Aquicultura	17.065	2,1%	567,4	3,3%
B - Indústrias Extrativas	78.736	9,8%	14.445,4	18,3%
C - Indústrias de Transformação	248.296	31,1%	2.611,4	1,1%
D - Eletricidade e Gás	44.679	5,6%	14.783,1	33,1%
F - Construção	5.289	0,7%	247,8	4,7%
G - Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas	67.393	8,4%	1.589,6	2,4%
H - Transporte, Armazenagem e Correio	23.202	2,9%	140,0	0,6%
I - Alojamento e Alimentação	2.210	0,3%	-	0,0%
J - Informação e Comunicação	66.069	8,3%	268,7	0,4%
K - Atividades Financeiras, de Seguros e Serviços Relacionados	172.097	21,5%	1.403,0	0,8%
L - Atividades Imobiliárias	19.566	2,4%	452,4	2,3%
Outros	54.995	6,9%	200,8	0,4%
Total	799.596	100,0%	36.709,6	4,6%

FONTE: BANCO CENTRAL DO BRASIL

Investimentos chineses no Brasil segundo o Conselho Empresarial Brasil-China

Assim como no caso do National Bureau of Statistics of China, que tem dificuldades para identificar os destinos finais do IED chinês por conta do uso de intermediários financeiros por empresas do gigante asiático, o Banco Central do Brasil lida com situação semelhante. Mesmo com o contínuo aprimoramento desenvolvido pela instituição em anos recentes, monitorar a origem da entrada de investimentos no Brasil continua sendo um desafio. É notório que, em certos casos, a real origem dos aportes acaba sendo mascarada por remessas financeiras trianguladas em regiões dotadas de condições fiscais mais favoráveis. A China, por exemplo, frequentemente usa instituições sediadas em Luxemburgo nessas operações²⁸.

Por conta dessas distorções, o Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC) desenvolveu sua própria metodologia, que inclui o monitoramento diário das imprensas nacional e internacional em busca de informações sobre investimentos chineses no país, além de consultas diretas com empresas chinesas, bases de dados e estudos alternativos.

De acordo com levantamento do CEBC, entre 2007 e 2022, empresas chinesas anunciaram 310 projetos no Brasil, com potencial de investimentos estimado em US\$ 120 bilhões. Considerando apenas os aportes confirmados, 235 projetos foram colocados em operação – uma taxa de efetivação de 76% –, enquanto o estoque de investimentos chegou a US\$ 71,6 bilhões, o equivalente a 59% do total anunciado²⁹.

Entre 2007 e 2022, o setor de eletricidade atraiu 35,7% do número de projetos chineses confirmados no Brasil, com 84 empreendimentos efetivados sobretudo pelas gigantes estatais State Grid e China Three Gorges. Em comparação com o período 2007-2021, o setor aumentou sua participação em 3 pontos percentuais.

Em segundo lugar, a indústria manufatureira respondeu por 23,4% da quantidade de empreendimentos nesse período, com um total de 55 projetos – destinados sobretudo ao segmento de produção de automotores, que absorveu 51% do total –, seguido pelas áreas de fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos, com 18%, e fabricação de máquinas e equipamentos, com o mesmo percentual. O segmento de produção de equipamentos de informática e eletrônicos ficou com 7%, enquanto os setores de fabricação de materiais para uso médico e odontológico, de produtos químicos e de têxteis tiveram, cada um, participação de 2%.

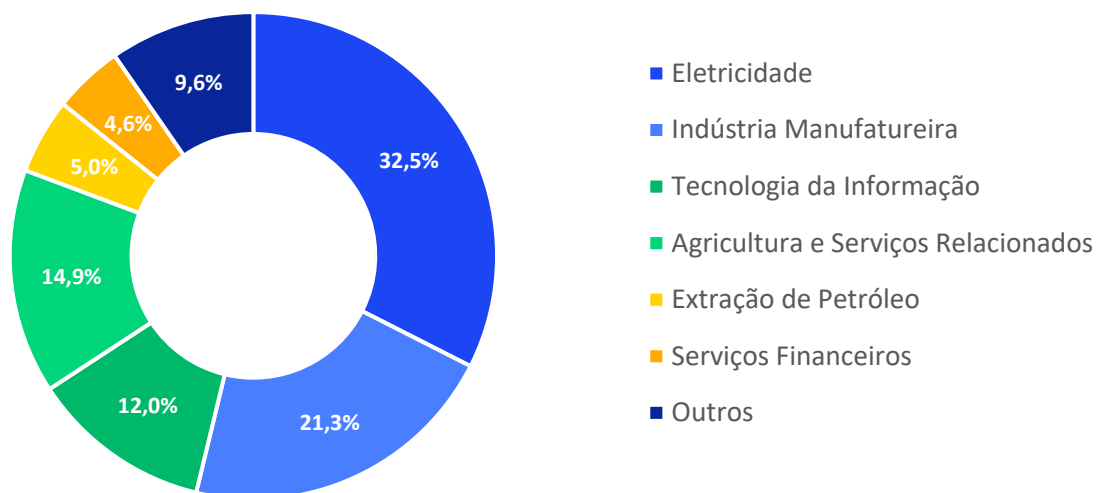
²⁸ Schutte, Giorgio Romano. “Oásis para o capital – solo fértil para a “corrida de ouro”: a dinâmica dos investimentos produtivos chineses no Brasil”. Editora Appris.

²⁹ Cariello, Tulio. “Investimentos chineses no Brasil: 2022 – tecnologia e transição energética”. Conselho Empresarial Brasil-China. <https://www.cebc.org.br/download/12393/>

Na terceira posição, o setor de Tecnologia da Informação absorveu 13,2% do estoque, com 31 projetos. Em seguida, com 15 projetos e participação de 6,4%, vem o setor de agricultura e serviços relacionados. Com 13 empreendimentos, o segmento de extração de petróleo absorveu 5,5% do número de projetos. Os 12 aportes em serviços financeiros conferiram ao setor fatia de 5,1%.

A categoria “Outros” engloba segmentos com participações individuais inferiores a 4%: obras de infraestrutura (3,8%), telecomunicações (2,1%), extração de minerais metálicos (1,7%), armazenamento e atividades auxiliares dos transportes (0,9%), atividades imobiliárias (0,4%), captação, tratamento e distribuição de água (0,4%), comércio varejista (0,4%), pesquisa e desenvolvimento científico (0,4%) e transporte terrestre (0,4%).

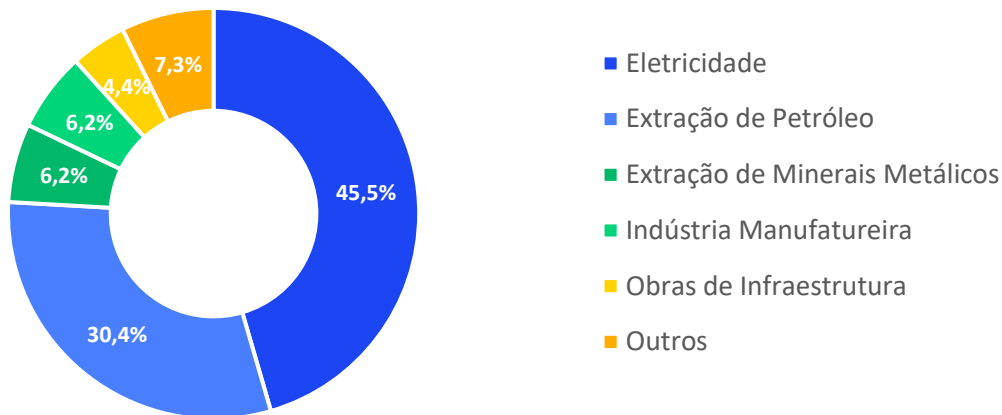
GRÁFICO 12- DIVISÃO SETORIAL DOS INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL, 2007-2022
(PERCENTUAL DO NÚMERO DE PROJETOS CONFIRMADOS)



FONTE: CONSELHO EMPRESARIAL BRASIL-CHINA.

Em análise por valor, o setor de energia foi de longe o mais relevante. A geração, transmissão e distribuição de eletricidade recebeu US\$ 32,5 bilhões dos US\$ 71,6 bilhões investidos por empresas chinesas no Brasil entre 2007 e 2022, o equivalente a 45,5% do total. A área de extração de petróleo veio em seguida, com participação de 30,4% e investimentos que chegaram a US\$ 21,7 bilhões. O setor de extração de minerais metálicos e a indústria manufatureira tiveram, individualmente, fatias de 6,2% cada um, tendo recebido investimentos de US\$ 4,4 bilhões ao longo desse período. Com participação de 4,4%, as obras de infraestrutura receberam aportes que somaram US\$ 3,2 bilhões.

GRÁFICO 13 - DIVISÃO SETORIAL DOS INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL, 2007-2022
(PERCENTUAL DO VALOR DOS PROJETOS CONFIRMADOS)



FONTE: CONSELHO EMPRESARIAL BRASIL-CHINA.

A categoria “Outros” enquadra setores com participação individual inferior a 3,5%. O segmento de agricultura e serviços relacionados teve participação de 3,4%, resultado de investimentos que chegaram a US\$ 2,4 bilhões. A área de serviços financeiros absorveu US\$ 1,3 bilhão, equivalente a 1,8% do total. Com estoque de investimentos de US\$ 888 milhões, o segmento de Tecnologia da Informação ficou com fatia de 1,2%. As demais áreas tiveram participações individuais inferiores a 1%, abarcando telecomunicações (0,4%), atividades imobiliárias (0,2%), armazenamento e atividades auxiliares dos transportes (0,2%), transporte terrestre (0,1%) e comércio varejista (0,004%). Não é possível calcular as participações dos setores de captação, tratamento e distribuição de água e pesquisa e desenvolvimento científico, uma vez que os valores dos projetos não foram divulgados pelas empresas.

3.2. Anúncios de Investimentos *Greenfield*

Entre 2019 e 2023, a Orbis BvD identificou 1.640 anúncios de investimentos estrangeiros *greenfield* por parte de empresas chinesas. Ao todo, esses projetos somaram US\$ 138,8 bilhões em investimentos anunciados. Percebe-se relativa diversificação quanto aos países de destino, com Marrocos absorvendo 17% do capital anunciado enquanto nenhum outro país concentra mais de 8% do total. No Marrocos, a chinesa, Huayou em parceria com a, sul-coreana, LG Chem anunciaram a construção de uma imensa fábrica de baterias para veículos elétricos. Nos Emirados Árabes Unidos, segundo maior destino dos anúncios recentes, a aposta é na produção de alumínio, enquanto na Bolívia, terceiro destino, a joint venture entre a CATL e a CMOC, ambas chinesas, estão investindo pesadamente na extração de lítio no país andino.

No período analisado, o Brasil consta como o 17º destino dos anúncios produtivos de empresas chinesas, totalizando US\$ 2,9 bilhões. Nas Américas, apenas Bolívia, Estados Unidos e México totalizaram mais valores anunciados. De todos os países à frente do Brasil, apenas quatro não aderiram à Nova Rota da Seda: Estados Unidos, Alemanha, Suécia e Índia.

TABELA 20 – PRINCIPAIS DESTINOS DOS ANÚNCIOS DE INVESTIMENTOS GREENFIELD CHINESES (2019 – 2023)

País	Valor (US\$ bilhões)	Participação
Marrocos	23,6	17,0%
Emirados Árabes Unidos	11,1	8,0%
Bolívia	10,0	7,2%
Indonésia	7,7	5,5%
Estados Unidos	7,5	5,4%
Egito	7,3	5,2%
Brasil (17º)	2,9	2,1%

Fonte: ORBIS BVD.

A diversificação geográfica dos investimentos produtivos anunciados por empresas chinesas não se reproduz em nível setorial, visto que apenas o setor de “Fabricação de Baterias e Acumuladores” concentra 24,7% dos valores anunciados, e os três principais setores 39,2% do total. Investimento chinês na produção de alumínio nos Emirados Árabes Unidos fez o setor de “Produção de Alumínio” o segundo com maior volume de capital anunciado, seguido pelo setor “Outras atividades de mineração e extração”, composto principalmente pelo investimento da joint venture entre a CATL e a CMOC na Bolívia, para extração de lítio. Percebe-se, portanto, o elevado grau de interesse do capital chinês no desenvolvimento e fabricação de **baterias**, assim como em todo o ciclo de produção dessas tecnologias.

TABELA 21 – DISTRIBUIÇÃO DOS INVESTIMENTOS GREENFIELD CHINESES POR SETOR (2019 – 2023)

Setor	Valor (US\$ milhões)	Participação
Fabricação de baterias e acumuladores	34.277	24,7%
Produção de alumínio	10.165	7,3%
Outras atividades de mineração e extração	9.920	7,1%
Produção de outros metais não ferrosos	5.947	4,3%
Fabricação de veículos	5.263	3,8%
Fabricação de gases industriais	5.100	3,7%
Atividades de holdings	5.091	3,7%
Pesquisa e desenvolvimento em ciências naturais e engenharia	4.363	3,1%
Fabricação de outros químicos orgânicos básicos	3.746	2,7%
Armazenamento	3.703	2,7%
Outros	51.256	36,9%
Total	138.831	100,0%

Fonte: ORBIS BVD.

Embora os dados do National Bureau of Statistics of China apresentem um predomínio de serviços no estoque total de investimentos chineses no exterior, a Orbis BvD aponta um fluxo majoritário de investimentos, entre 2019 e 2023, direcionados para a atividade de “Manufaturas”.

Dados os setores destacados na seção acima, não surpreende que essa atividade concentrou a maioria dos valores anunciados no período de análise, somando US\$ 95,7 bilhões, correspondente a 68,9% do total. Mais uma vez, destacam-se os investimentos em diferentes segmentos do ciclo produtivo da descarbonização: US\$ 20 bilhões na produção de baterias para carros elétricos em Marrocos; US\$ 4,5 bilhões no refino de níquel na Indonésia, em joint venture entre Zhejiang Huayou, Ford e Vale; e US\$ 5,1 bilhões na produção de hidrogênio verde no Egito.

TABELA 22 – DISTRIBUIÇÃO DOS INVESTIMENTOS GREENFIELD CHINESES POR ATIVIDADE (2019 - 2023)

<i>Atividade</i>	<i>Valor (US\$ milhões)</i>	<i>Participação</i>
<i>Manufatura</i>	95.674	68,9%
<i>Mineração</i>	13.512	9,7%
<i>Sede Regional</i>	5.332	3,8%
<i>Centro de P&D</i>	4.916	3,5%
<i>Logística, Distribuição e Transporte</i>	4.041	2,9%
<i>Centro de Processamento de Dados</i>	2.707	1,9%
<i>Eletricidade</i>	2.658	1,9%
<i>Hotelaria</i>	2.472	1,8%
<i>Escritório de Vendas</i>	1.388	1,0%
<i>Manutenção e Reparo</i>	1.367	1,0%
<i>Outros</i>	4.762	3,4%
Total	138.831	100,0%

FONTE: ORBIS BvD.

Na relação com o Brasil, entre 2019 e 2023, os anúncios de investimentos chineses produtivos no Brasil apresentaram grande concentração, com os cinco principais setores somando quase 89% do total anunciado. Representando 62,6% do total, “Geração de energia elétrica” concentrou a maior parte dos valores, com destaques para as plantas de energia eólica e solar.

TABELA 23 – DISTRIBUIÇÃO DOS INVESTIMENTOS GREENFIELD CHINESES NO BRASIL POR SETOR (2019 –2023)

<i>Setor</i>	<i>Valor (US\$ milhões)</i>	<i>Part.</i>
<i>Geração de energia elétrica</i>	1.809	62,6%
<i>Fabricação de defensivos agrícolas</i>	290	10,0%
<i>Holdings de instituições financeiras</i>	258	8,9%
<i>Fabricação de veículos automotores</i>	108	3,7%
<i>Fabricação de aparelhos e equipamentos de medida, teste e controle</i>	107	3,7%
<i>Armazenamento</i>	89	3,1%
<i>Fabricação de peças e acessórios para o sistema motor de veículos automotores</i>	30	1,0%
<i>Hotéis e similares</i>	25	0,9%
<i>Fabricação de geradores, transformadores e motores elétricos</i>	24	0,8%
<i>Fabricação de outros equipamentos elétricos</i>	22	0,8%
<i>Outros</i>	125	4,3%
Total	2.888	100,0%

FONTE: ORBIS BvD.

É importante observar o crescente interesse chinês na geração de energias renováveis e na eletrificação veicular da frota brasileira.

Além da produção de caminhões, ônibus e motores, a Volvo está instalando estações de recarga de veículos elétricos pelo país. A BYD, por sua vez, planeja fabricar veículos elétricos e processar lítio em suas fábricas no complexo de Camaçari.

TABELA 24 - DISTRIBUIÇÃO DOS INVESTIMENTOS GREENFIELD CHINESES NO BRASIL POR ATIVIDADE (2019 – 2023)

<i>Atividade</i>	<i>Valor (US\$ milhões)</i>	<i>Participação</i>
<i>Eletricidade</i>	1.741,0	60,3%
<i>Manufaturas</i>	556,7	19,3%
<i>Sede Regional</i>	323,8	11,2%
<i>Logística, Distrib. e Transp.</i>	93,3	3,2%
<i>Suporte Técnico</i>	46,7	1,6%
<i>Escritório de Vendas</i>	44,5	1,5%
<i>Serviços de Negócios</i>	27,2	0,9%
<i>Hotelaria</i>	21,5	0,7%
<i>Centro de Testagem</i>	16,3	0,6%
<i>Serviços Bancários e Financeiros</i>	11,2	0,4%
<i>Varejo</i>	5,9	0,2%
Total	2.888,0	100,0%

FORNTE: ORBIS BVD.

Em nível de atividade, diferente do que ocorrem com os anúncios de investimentos chineses no mundo, os investimentos chineses no Brasil estão concentrados em “Eletricidade”.

Essa atividade somou US\$ 1,7 bilhão (60,3% do total), a maior parte concentrada no setor de energias renováveis como plantas de energia solar e eólica.

3.3. Anúncios de Transações de Fusões e Aquisições

Conforme o China Global Investment Tracker³⁰, empresas chinesas realizaram o equivalente a US\$ 164,1 bilhões em transações de fusões e aquisições (M&A) entre janeiro de 2019 e dezembro de 2023. A América do Sul foi a terceira região que mais recebeu aportes de M&A ao longo do período, com US\$ 25,1 bilhões em investimentos chineses, atrás apenas da Europa, com US\$ 54 bilhões, e do Leste da Ásia, com US\$ 29 bilhões³¹.

Empresas brasileiras foram alvo de US\$ 7,9 bilhões em M&A, o que fez do país o 6º maior destino global de M&A chinês. O Brasil foi, também, o principal destino das transações chinesas de M&A entre os demais países do BRICS. Nas Américas, o Brasil foi o segundo maior destino e o primeiro da América do Sul, ficando à frente do Peru e do Chile, ambos os quais aderiram à Iniciativa Cinturão e Rota.

³⁰ Base de investimentos estrangeiros chineses compilada pelo American Enterprise Institute: <https://www.aei.org/china-global-investment-tracker/>

³¹ Definição de região conforme a apresentada pelo China Global Investment Tracker.



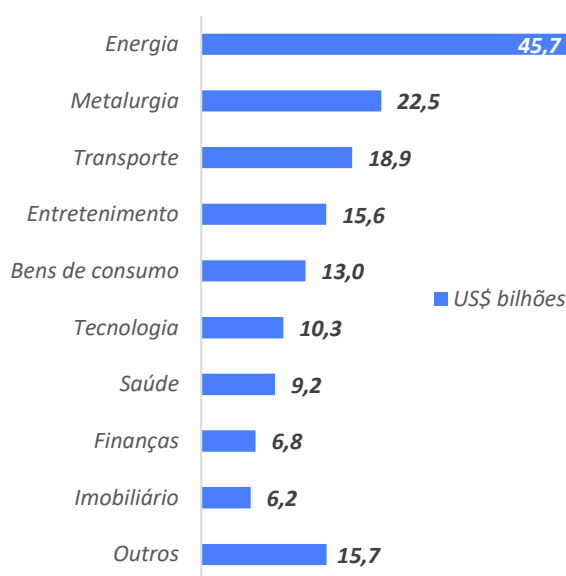
TABELA 25 – M&A CHINÊS NO BRICS (JAN. 2019 – DEZ. 2023)

<i>País</i>	<i>Valor (US\$ bilhões)</i>
<i>Brasil</i>	<i>7,9</i>
<i>Rússia</i>	<i>4,6</i>
<i>Índia</i>	<i>2,9</i>
<i>África do Sul*</i>	<i>-</i>

FONTE: CHINA GLOBAL INVESTMENT TRACKER. *SEM VALORES REPORTADOS.

Em termos setoriais, o setor energético foi alvo de pouco mais de um quarto das transações de M&A de empresas chinesas, somando aproximadamente US\$ 45,7 bilhões em fusões e aquisições. Em nível de subsetor, no entanto, o subsetor de automóveis, dentro do setor de “Transporte”, concentrou os maiores valores, totalizando US\$ 15,4 bilhões, equivalente a 81,5% dos investimentos em “Transporte” e a 9,4% do valor total.

GRÁFICO 14 - DISTRIBUIÇÃO DO M&A CHINÊS NO MUNDO POR SETOR (JAN. 2019 – DEZ. 2023)



FONTE: CHINA GLOBAL INVESTMENT TRACKER.

**TABELA 26 – DISTRIBUIÇÃO DO M&A CHINÊS
NO BRASIL POR SETOR
(JAN. 2019 – DEZ. 2023)**

Setor/Subsetor	Valor (US\$ milhões)
Energia	7.840
Petróleo	3.840
Outros	2.190
Alternativa	1.810
Transporte	120
Automotivo	120
Total	7.960

FONTE: CHINA GLOBAL INVESTMENT TRACKER.

No Brasil, as fusões e aquisições recentes focaram no setor energético, que concentrou 98,5% dos valores, com grande destaque para a extração de petróleo, onde a China National Off-Shore Oil (CNOOC) e a CNPC Exploration & Development Company (CNODC) detêm, junto com a Petrobras, direitos de exploração e produção do volume excedente da Cessão Onerosa do campo de Búzios, no pré-sal da Bacia de Campos. Também há de se ressaltar, mais uma vez, o interesse chinês na geração de energia renovável no Brasil, com a aquisição, por parte da China General Nuclear (CGN), da Atlantic Energias Renováveis, da gestora britânica Actis, e de ativos da italiana Enel no Brasil. Dessa forma, a companhia passou a deter parques eólicos nos estados do Piauí, Rio Grande do Norte, Bahia e Rio Grande do Sul, além de usinas solares em Piauí e Bahia.

Depois do setor energético, o setor de transportes foi o segundo maior alvo de aquisições por parte de empresas chinesas no Brasil. Aqui, salienta-se a compra da fábrica de automóveis de luxo da Mercedes-Benz em Iracemápolis, no interior de São Paulo, pela chinesa Great Wall Motors, assim oficializando a entrada da fabricante no mercado brasileiro. Após a aquisição, a empresa anunciou investimentos *greenfield* da ordem de US\$ 1,9 bilhão na sua fábrica, com início da produção prevista para o primeiro semestre de 2024³². Não menos relevante, embora referente ao ano de 2018, foi a compra de participação controladora da 99Taxis pela Didi Chuxing, por US\$ 600 milhões. O valor desembolsado conferiu à empresa brasileira valor de mercado em torno de US\$ 1 bilhão, assim fazendo da empresa, oficialmente, o primeiro unicórnio brasileiro³³.

3.4. Investimentos em Infraestrutura

A base de dados Fitch Crossborder Investment identifica 639 obras de infraestrutura no mundo com participação de empresas chinesas atuando como patrocinadoras dos projetos. O Brasil tem lugar de destaque entre os destinos chineses para investimentos em infraestrutura, ocupando o primeiro lugar entre os países do continente americano, com 35 projetos, e a quarta posição geral, atrás apenas do Paquistão, Indonésia e Camboja. Entre os dez países com mais projetos de infraestrutura com capital chinês, apenas Brasil, Austrália e Reino Unido não fazem parte da Iniciativa Cinturão e Rota (Belt and Road Initiative – BRI). Além disso, juntamente com o Brasil, os únicos outros países sul-americanos que não aderiram à Nova Rota da Seda foram a Colômbia e o Paraguai.³⁴ Ao todo, dos 639 projetos identificados pela Fitch, 515 são em países da BRI – ou seja, 80,6% do total.

³² Orbis BvD.

³³ Nominção dada a startups que ainda não abriam o capital e que têm valor de mercado de US\$ 1 bilhão ou mais.

³⁴ Green Finance and Development Center, Fudan University: <https://greenfdc.org/countries-of-the-belt-and-road-initiative-bri/>

TABELA 27 – DISTRIBUIÇÃO DOS PROJETOS DE INFRAESTRUTURA COM PARTICIPAÇÃO DE EMPRESAS CHINESAS

<i>País</i>	<i>Número de Projetos</i>
Paquistão	60 obras
Indonésia	56 obras
Camboja	39 obras
Brasil	35 obras
Argentina	30 obras
Reino Unido	30 obras

FONTES: FITCH CROSSBORDER INVESTMENT.

TABELA 28 – QUANTIDADE DE OBRAS NO MUNDO COM PARTICIPAÇÃO DE EMPRESAS CHINESAS POR SETOR

Setor/Subsetor	Quantidade
Energia	254
Hidrelétricas	62
Solar	41
Eólico	34
Carvão	52
Outros	65
Transporte	220
Estradas e Pontes	115
Ferrovias	64
Portos	28
Aeropostos	13
Construção	153
Industrial	88
Comercial	56
Residencial	8
Outros	1
Infraestrutura Social	12
Saúde	5
Educação	1
Água	6
Total	639

FONTES: FITCH.

Entre os projetos de infraestrutura, observa-se grande interesse no setor de “Energia”, que responde por 40% dos projetos com envolvimento de empresas chinesas como patrocinadoras. Nesse setor, os investimentos chineses concentram-se no segmento de geração de energia, com destaque para hidreletricidade (62 projetos), solar (41), eólica (34) e carvão (52).

É importante destacar o interesse chinês no setor de transportes, particularmente em rodovias. De todos os subsetores dos projetos de infraestrutura com capital chinês, “Estradas e Pontes” é o que conta com mais projetos, com 115 ao todo, sendo 106 em países da Iniciativa Cinturão e Rota (92,2%).

Também vale destacar que na época de elaboração deste documento (maio de 2024), 150 países já haviam assinado o MoU de integração à BRI.

Dadas as dimensões continentais do Brasil, grandes investimentos em transmissão são necessários para fazer a energia gerada chegar aos grandes centros populacionais e industriais do país. Dos 35 projetos de infraestrutura em território brasileiro com participação do capital chinês, 23 são no setor de “Energia”, com destaque para linhas de transmissão, subsetor que, sozinho, concentra um quarto dos investimentos chineses em obras de infraestrutura no Brasil.

TABELA 29 – QUANTIDADE DE OBRAS NO BRASIL COM PARTICIPAÇÃO DE EMPRESAS CHINESAS POR SETOR

Setor/Subsetor	Quantidade
Energia	23
Linhas de transmissão	9
Eólico	7
Outros	7
Transporte	7
Ferrovias	4
Outros	3
Construção Industrial	5
Manufaturas	3
Outros	2
Total	35

FONTE: FITCH.

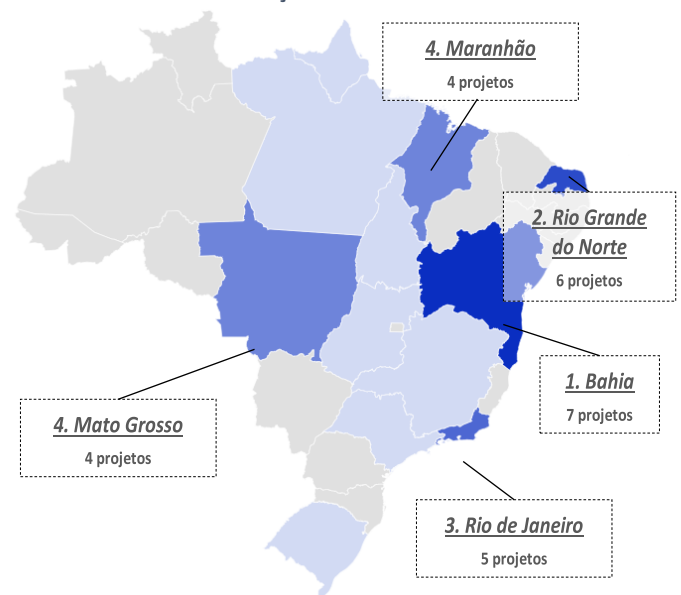
Já no setor de construção industrial, mas ainda atrelado à geração de energia, a BYD – entre as maiores fabricantes mundiais de baterias, veículos elétricos e painéis solares fotovoltaicos – produz módulos fotovoltaicos em sua fábrica em Campinas (SP), além de montar bancos de baterias de fosfato de ferro-lítio no Polo Industrial de Manaus (AM). Esses projetos somam-se ao complexo industrial que a empresa está construindo na Bahia, demonstrando o grande interesse chinês no setor de energia renovável brasileiro.

Somando 17 projetos, o Nordeste é a região brasileira com o maior número de projetos de infraestrutura. Na região, destacam-se os investimentos em energia eólica no Rio Grande do Norte, nos trechos da Ferrovia Oeste-Leste (FIOL) que percorrem a Bahia e na produção siderúrgica no Maranhão.

Contando com sete projetos, o Sudeste é a região com o segundo maior número de projetos. Além da já citada fábrica de módulos fotovoltaicos da BYD no estado de São Paulo, a State Power Investment Corporation patrocina uma termelétrica no Porto de Açu e o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (COMPERJ).

Também com sete projetos, a região Centro-Oeste conta com investimentos da China Three Gorges Corporation em hidrelétricas e da State Grid Corporation of China em linhas de transmissão. Por fim, o CEE Power Group patrocina dois projetos de linhas de transmissão na região Sul.

MAPA 3 – DISTRIBUIÇÃO ESTADUAL DAS OBRAS COM PARTICIPAÇÃO DA CHINA



FONTE: FITCH.

Conforme pesquisa do Valor Econômico, das 1.000 empresas atuantes no Brasil com maior receita líquida no ano fiscal de 2021, oito contam com capital chinês, sendo que metade no setor energético. A maior delas é a CPFL, cuja participação majoritária foi adquirida pela State Grid Corporation em 2017. A CPFL atua no segmento de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica e apresentou a terceira maior receita líquida entre as empresas de energia elétrica em 2021 e a 29ª geral. A State Grid Corporation também está presente no Brasil no segmento de transmissão por meio de sua subsidiária, a State Grid Brazil Holding.

TABELA 30 – PRINCIPAIS EMPRESAS COM CAPITAL DA CHINA OPERANDO NO BRASIL (MEDIDO POR RECEITA LÍQUIDA)

<i>Ranking</i>	<i>Empresa</i>	<i>Sede</i>	<i>Setor</i>	<i>Receita Líquida (R\$ milhões)</i>	<i>Origem do Capital</i>
29	CPFL	São Paulo	Energia Elétrica	39.210	China/Brasil
114	Repsol Sinopec Brasil	Rio de Janeiro	Petróleo e Gás	8.520	Espanha/China
157	CTG Brasil	São Paulo	Energia Elétrica	6.250	China
173	NTS	Rio de Janeiro	Transportes e Logística	5.766	Canadá/Singapura/China/Brasil
224	CMOC Brasil	São Paulo	Mineração	4.401	China
288	State Grid Brazil Holding	Rio de Janeiro	Energia Elétrica	3.220	China
424	SPIC Brasil	São Paulo	Energia Elétrica	2.060	China
720	TCP	Paraná	Transportes e Logística	974	China

FORNTE: VALOR ECONÔMICO.

3.5. Estudos de casos de Empresas da China Operando no Brasil³⁵

Nome da empresa: BYD.



Setor: Eletrônicos, Mobilidade Elétrica, Energia Renovável e Transporte Ferroviário.

Investimento ou intenção de investir no Brasil: A BYD já investiu na construção de três fábricas no Brasil desde 2015 e investirá mais R\$ 3 bilhões para outras três fábricas no complexo de Camaçari, na Bahia.

Dados da empresa: A BYD (Build Your Dreams) é uma das maiores empresas privadas da China. Desde sua fundação em 1995, a empresa desenvolveu rapidamente uma forte especialização em baterias recarregáveis e se tornou uma defensora incansável do desenvolvimento sustentável, expandindo com sucesso suas soluções de energia renovável globalmente, com operações em mais de 70 países e regiões em 6 continentes.

A BYD opera em 4 setores principais: Eletrônicos, Mobilidade Elétrica, Energia Renovável e Transporte Ferroviário. São mais de 600.000 funcionários, incluindo 90.000 engenheiros. Dois em cada dez smartphones no mundo usam a tecnologia da BYD.

A BYD domina as principais tecnologias de toda a cadeia industrial de veículos eletrificados, como baterias, motores elétricos e controles eletrônicos. A primeira e única empresa a fornecer soluções de veículos eletrificados para todo o mercado, a estratégia 7+4. (7) Passageiros - Urbano - Rodoviário – Táxi - Logística - Construção - Saneamento. + (4) Porto - Armazém - Aeroporto - Mineração.

Em março de 2022, a BYD foi a primeira empresa automotiva do mundo a interromper oficialmente a produção de veículos somente com motor de combustão. Em agosto de 2023, a empresa atingiu o marco de produção de 5 milhões de veículos eletrificados.

Sua criação de um Ecossistema de Energia de Emissão Zero - composto por geração de energia solar acessível, armazenamento de energia confiável e transporte eletrificado de última geração - fez dela uma líder do setor nos setores de energia e transporte. A receita da empresa em 2022 foi de US\$ 61,7 bilhões.³⁶

³⁵ Textos fornecidos em 2023 e mantidos na íntegra, conforme versões enviadas pelas empresas que colaboraram com os cases do estudo, exceto quando, para efeitos de publicação, for assinalada atualização específica com indicação da respectiva fonte com acesso público. Os cases apresentados nesse estudo se originaram da gentil disponibilidade das empresas que responderam ao pedido de informação por parte do escritório da ApexBrasil em Pequim. A seleção não reflete, necessariamente, o nível de importância dessas empresas para a ApexBrasil de forma particular e para a economia brasileira de forma geral.

³⁶ Fonte: BYD, “2023 Annual Report”, p. 2. Disponível em:

<https://www.bydglobal.com/sites/resources/common/tools/generic/web/viewer.html?file=%2Fsites%2FSatellite%2FBDYD%20PDF%20Viewer%3Fblobcol%3Durldata%26blobheader%3Dapplication%252Fpdf%26blobkey%3Did%26blobtable%3DMungoBlobs%26blobwhere%3D1638928468133%26ssbinary%3Dtrue>

Descrição dos investimentos no Brasil: A BYD chegou ao Brasil em 2015, quando inaugurou sua primeira fábrica de montagem de chassis de ônibus 100% elétricos em Campinas (SP). Em 2017, abriu uma segunda fábrica, também em Campinas, para produzir módulos fotovoltaicos. Para abastecer a frota de ônibus elétricos, a empresa iniciou, em 2020, a operação de sua terceira fábrica no Brasil, no Polo Industrial de Manaus (PIM), dedicada à produção de baterias de fosfato de ferro e lítio (LiFePO₄). A empresa também é responsável pelos trens do projeto SkyRail (monotrilho) na cidade de São Paulo, com a Linha 17 - Ouro.

Além disso, a BYD comercializa no Brasil sistemas de armazenamento de energia, inversores, empilhadeiras, caminhões, vans e automóveis, todos elétricos e com baixa emissão de poluentes. Em novembro de 2021, deu o primeiro passo para iniciar a venda de carros de passeio no país e hoje já conta com oito modelos lançados e uma rede consolidada de concessionárias em operação. Em abril de 2022, a BYD Energy inaugurou novas instalações e uma linha completa de módulos fotovoltaicos no mercado brasileiro.

Em julho de 2023, a empresa anunciou oficialmente a instalação de três fábricas em Camaçari, cidade a 50 km de Salvador, capital da Bahia, cidade onde será instalado um centro de pesquisa e desenvolvimento, cujo primeiro projeto é a criação de um motor híbrido que utiliza eletricidade e etanol, combustível 100% brasileiro.

No Complexo de Camaçari, uma fábrica produzirá chassis elétricos para ônibus e caminhões, outra processará fosfato de ferro-lítio e a terceira produzirá veículos elétricos a bateria e híbridos plug-in.

O investimento total da BYD chegará a R\$ 3 bilhões. A fábrica de carros elétricos e híbridos terá capacidade para produzir até 150.000 unidades por ano na primeira fase. A expectativa é que a fábrica na Bahia comece a operar no último trimestre de 2024 ou no início de 2025. O complexo de Camaçari gerará cerca de 10.000 empregos.

Em 2023, a marca assumiu facilmente a liderança entre as marcas de carros 100% elétricos, e o BYD Dolphin vendeu mais do que todos os seus concorrentes juntos, um caso de sucesso sem precedentes no Brasil. O crescimento nas vendas de carros foi de mais de 70 vezes, cerca de 6.900% em relação a 2022.

Em dezembro de 2023, também em Campinas (SP), a BYD inaugurou seu primeiro centro de pesquisa e desenvolvimento em energia solar no Brasil, um laboratório que estudará todo o ciclo de produção de módulos fotovoltaicos.³⁷.

³⁷ Fonte: BYD, “BYD anuncia aumento de investimento no Brasil para R\$5,5 bilhões”. Disponível em: <https://byd.com.br/byd-anuncia-aumento-de-investimento-no-brasil-para-r55-bilhoes/>

Nome da empresa: State Grid Brazil Holding.



Setor: Energia.

Sobre a empresa: A State Grid Brazil Holding (SGBH) é uma empresa brasileira, parte do grupo State Grid Corporation of China, e atua no setor de transmissão de energia elétrica desde 2010, já tendo investido mais de R\$ 30 bilhões no país. A empresa possui 25 concessionárias, utiliza tecnologia de ponta, e está sempre comprometida com altos padrões de segurança e respeito ao meio ambiente, sendo signatária do Pacto Global das Nações Unidas (ONU). Com sete regionais e 30 bases de manutenção, a SGBH opera mais de 16 mil quilômetros de linhas de transmissão passando por 13 estados no país, equivalente a 10% de toda a malha elétrica brasileira, o que torna a companhia uma das maiores no Brasil no setor. Entre seus principais empreendimentos, estão as linhas de transmissão da Usina de Belo Monte, que escoam energia do Norte ao Sudeste do Brasil. São as maiores linhas de transmissão do mundo que utilizam a tecnologia de ± 800 kV UATCC.

Fatores para a escolha de se internacionalizar no Brasil: Em se tratando de “sistemas de transmissão de energia elétrica”, Brasil e China são países com dimensões continentais e compartilham similaridades em relação a desafios de transferência de grandes blocos de energia por longas distâncias e que envolvem expressiva diversidade geográfica. Esta singular característica aproxima os dois países, em uma escala benéfica de desenvolvimento de tecnologias inovadoras para o setor elétrico. Além disso, a matriz energética brasileira, composta majoritariamente por fontes de energia renovável, referenda o Brasil como sendo um parceiro fundamental na jornada que vem sendo trilhada pela China para antecipar em cinco anos as metas para energia solar e eólica e se tornar uma nação líder em energia renovável. Também podemos destacar as oportunidades de negócios que o Brasil vem apresentando para investidores internacionais, propiciando um ambiente saudável para que a State Grid decidisse fazer do Brasil o seu destino principal para investimentos em projetos de energia elétrica.

Dados financeiros:

- Número de funcionários: 842
- Empregos indiretos criados: cerca de 1.500 diretos e indiretos (neste momento, isso varia).
- Investimentos totais realizados no Brasil: mais de R\$ 30 bilhões desde 2010
- Receita bruta no Brasil (2023): R\$ 4,5 bilhões³⁸
- Km de linhas de transmissão: mais de 16 mil km
- Quantidade de concessionárias: 25 concessionárias
- Em quantos estados atua no Brasil: as linhas de transmissão perpassam 13 estados no país (incluindo DF).

³⁸ Fonte: STATE GRID BRAZIL HOLDING S.A, “Balanços Patrimoniais em 31 de dezembro de 2023 e 2022”, p. 73. Disponível em: https://stategrid.com.br/wp-content/uploads/2024/03/State-Grid_DFs-SGBH-31.12.2023.pdf

Nome da empresa: Tencent.

Tencent 腾讯

Setor: Internet e tecnologia.

Sobre a empresa: A Tencent é uma empresa líder mundial em Internet e tecnologia que desenvolve produtos e serviços inovadores para melhorar a qualidade de vida das pessoas em todo o mundo.

Fundada em 1998, com sede em Shenzhen, China, o princípio orientador da Tencent é usar a tecnologia para o bem. A Tencent está listada na Bolsa de Valores de Hong Kong desde 2004. Nossos serviços sociais e de comunicação conectam mais de um bilhão de pessoas em todo o mundo, ajudando-as a manter contato com amigos e familiares, acessar o transporte, pagar pelas necessidades diárias e até mesmo se divertir.

A Tencent oferece uma gama de serviços como FinTech, computação em nuvem, publicidade e outros serviços empresariais para apoiar a transformação digital e o crescimento dos negócios de nossos clientes.

Sobre a Tencent Financial Technology e a Tenpay Global Business

A Tencent Financial Technology, a divisão Fintech da Tencent, oferece serviços financeiros e de pagamento móvel abrangentes. Isso inclui o compromisso de conectar usuários com serviços financeiros e construir um ecossistema aberto com vários parceiros.

A Tenpay Global, uma empresa de pagamentos internacionais da Tencent Financial Technology, consolida um conjunto de produtos e soluções de pagamentos internacionais para empresas e consumidores para atender a diferentes segmentos de clientes, que incluem plataformas de comércio eletrônico, clientes corporativos e individuais globais, bem como clientes que buscam serviços de remessas pessoais.

A Tenpay Global Business engloba um conjunto de soluções para empresas, atendendo a empresas de setores como comércio eletrônico internacional, viagens on-line, serviços de remessas, pagamentos globais e educação. Além disso, oferece suporte a transações em mais de 20 moedas convencionais. Com qualificações comerciais completas, segue os padrões de gerenciamento de segurança de fundos e controle de riscos em nível bancário para oferecer a cada cliente uma garantia tripla de fundos, informações e conformidade.

A Tenpay Global Business oferece aos vendedores internacionais contas de cobrança de comércio eletrônico internacional em várias moedas para ajudar os clientes a resolver problemas operacionais e financeiros em um único local e reduzir o custo operacional e o limite de entrada no mercado para empresas comerciais internacionais. Essa cooperação "ganha-ganha" também ajuda as empresas brasileiras a se conectarem com os clientes chineses. Além disso, a Tenpay Global Business estabeleceu uma cooperação estratégica de longo prazo com muitos bancos conhecidos em todo o mundo para obter taxas de câmbio interbancárias competitivas, fixar a taxa de câmbio de acordo com cotações em tempo real e controlar efetivamente as perdas cambiais, criando assim uma experiência definitiva para os vendedores internacionais.

A Tenpay Global Business oferece aos vendedores internacionais contas de cobrança de comércio eletrônico internacional em várias moedas para ajudar os clientes a resolver problemas operacionais e financeiros em um único local e reduzir o custo operacional e o limite de entrada no mercado para empresas comerciais internacionais. Essa cooperação "ganha-ganha" também ajuda as empresas brasileiras a se conectarem com os clientes chineses. Além disso, a Tenpay Global Business estabeleceu uma cooperação estratégica de longo prazo com muitos bancos conhecidos em todo o mundo para obter taxas de câmbio interbancárias competitivas, fixar a taxa de câmbio de acordo com cotações em tempo real e controlar efetivamente as perdas cambiais, criando assim uma experiência definitiva para os vendedores internacionais.


Presença no Brasil

- A Tencent lançou uma plataforma de pagamento internacional denominada "Tenpay Global Business", que estabeleceu uma cooperação com as principais plataformas de comércio eletrônico do Brasil, como o Mercado Livre.
- A Level Infinite, marca de jogos da Tencent dedicada a oferecer jogos de alta qualidade para um público global em todas as plataformas, anunciou o lançamento de uma presença local no Brasil para oferecer um melhor serviço e experiência de jogo para sua presença regional de jogos na América Latina.
- A multinacional chinesa é desenvolvedora de jogos que são extremamente populares entre o público brasileiro, como "League of Legends" e "PUBG Mobile".
- A Tencent Cloud lançou seu primeiro data center de Internet no Brasil para atender à crescente demanda por digitalização na América Latina em 2021. Este ano, a Tencent Cloud está fazendo uma parceria com a Extreme Digital Solutions para impulsionar as organizações por meio de soluções de infraestrutura em nuvem seguras, confiáveis e econômicas, impulsionando o futuro do desenvolvimento da nuvem no Brasil.


Dados financeiros³⁹:

- Receita total (2023): RMB 609,0 bilhões (aprox. US\$ 86 bilhões)
- Lucro do ano (2023): RMB 115,2 bilhões (aprox. US\$ 16,2 bilhões)
- EBIT (2023): RMB 161,3 bilhões (aprox. US\$ 22,7 bilhões)

³⁹ Fonte: TENCENT, "Condensed Consolidated Statements of Comprehensive Income", p. 3. Disponível em: <https://static.www.tencent.com/uploads/2024/04/08/e95c902973fc282be3b3e285c6245281.pdf>



CAPÍTULO 4
INVESTIMENTOS
ESTRANGEIROS DIRETOS
DO BRASIL NA CHINA

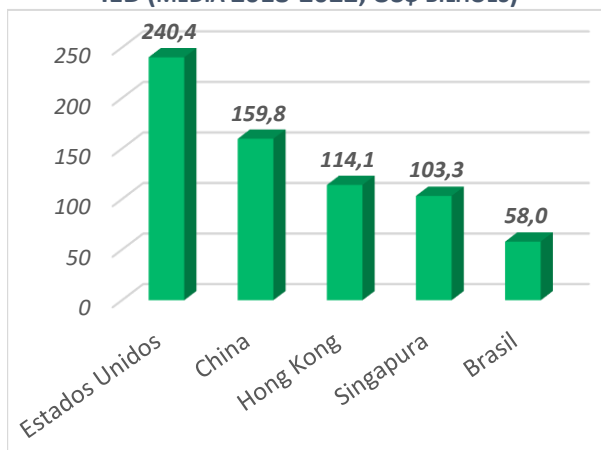


4. Investimentos Estrangeiros Diretos do Brasil na China

4.1. Introdução

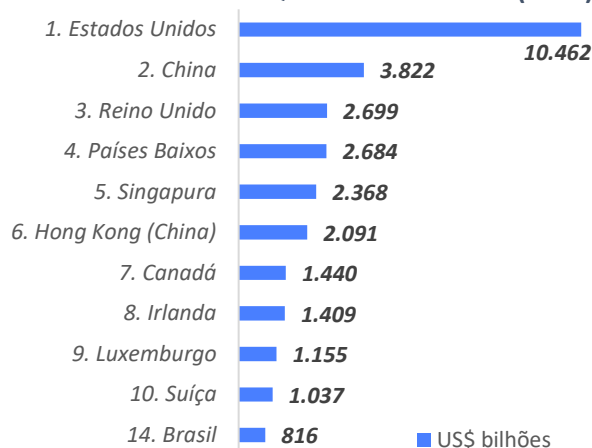
China e Brasil estão entre os maiores receptores de investimentos estrangeiros no mundo. Segundo a UNCTAD, em 2022 o estoque de capital investido na China era de US\$ 3,8 trilhões e no Brasil era de US\$ 815,6 bilhões, máxima histórica para ambos os países.⁴⁰ Naquele ano, China e Brasil detinham, respectivamente, o primeiro e segundo maiores estoques internos de investimento entre os países em desenvolvimento, e o segundo e 14º maiores em nível global.⁴¹

GRÁFICO 16 – CINCO MAIORES DESTINOS MUNDIAIS DE IED (MÉDIA 2018-2022; US\$ BILHÕES)



FONTE: UNCTAD.

GRÁFICO 15 - MAIORES ESTOQUES INTERNOS DE IED (2022)



FONTE: UNCTAD. NOTA: * INCLUI DADOS PARA LIECHTENSTEIN.

Entre 2018 e 2022, os dois países também constaram entre os maiores destinos de fluxos de IED. Nesse período, China e Brasil foram, respectivamente, os dois principais destinos de IED entre países em desenvolvimento e segundo e quinto em nível global. Ao longo desses cinco anos, a China recebeu um influxo médio de US\$ 159,8 bilhões, enquanto o influxo médio no Brasil foi de US\$ 58 bilhões.

⁴⁰ O estoque de IED na China não inclui o estoque de IED de Hong Kong e de Macau, listados separadamente tanto pelo governo chinês quanto por outros países, como o Brasil, e diversas instituições internacionais. Em 2022, o estoque de IED em Hong Kong foi de US\$ 2,1 trilhões, e em Macau de US\$ 45,6 bilhões. Esses valores, no entanto, incluem investimentos da China nas duas Regiões Administrativas Especiais.

⁴¹ A UNCTAD reporta dados com metodologia diferente da utilizada pelo Banco Central do Brasil (BCB). A instituição ainda usa a metodologia descrita no BPM5 para medir o IED, enquanto o Banco Central do Brasil e os principais países já se atualizaram para a BPM6, por isso a divergência. O número do Banco Central é o dado oficial brasileiro, enquanto o da UNCTAD é usado para comparar os investimentos recebidos pelo Brasil com os de outros países.

Assim como na China, empresas do Brasil investem no exterior via intermediários financeiros, o que dificulta identificar os destinos finais do IED brasileiro. Conforme o Banco Central do Brasil (BCB), dos US\$ 477,6 bilhões que empresas brasileiras detinham em investimentos no exterior, 60,7% estavam investidos nos Países Baixos, nas Ilhas Virgens Britânicas, nas Ilhas Cayman e nas Bahamas, territórios e países com regimes fiscais diferenciados, segundo a Instrução Normativa RFB Nº 1037 da Secretaria Especial da Receita Federal do Brasil. Consequentemente, não é possível identificar o valor exato do estoque de investimentos do Brasil na China.⁴² Oficialmente, o BCB reporta um estoque de capital brasileiro na China de US\$ 755 milhões e em Hong Kong (China) de US\$ 318 milhões. Ainda segundo o BCB, 59,5% dos investimentos brasileiros no exterior em participação no capital estão na atividade de “Serviços financeiros e atividades auxiliares e Holdings”, mais uma vez indicando que o capital brasileiro no exterior flui por intermédio de hubs financeiros.

Tampouco é possível identificar o tamanho dos investimentos brasileiros na China por meio dos dados do National Bureau of Statistics of China, uma vez que essa instituição também utiliza a mesma metodologia do investidor imediato. De acordo com a agência chinesa, 75,9% dos influxos de IED na China em 2021 originaram-se em Hong Kong (China), o que indica que parcela significativa do capital estrangeiro destinado à China é triangulado pela Região Administrativa Especial.

4.2. Anúncios de Investimentos *Greenfield*

Segundo a Orbis, entre 2019 e 2023, empresas brasileiras anunciaram o equivalente a US\$ 11,4 bilhões em investimentos greenfield no exterior. A Ásia foi destino de 55,6% dos valores anunciados, somando US\$ 6,3 bilhões. A quase totalidade desse valor, no entanto, diz respeito à já citada joint venture entre Vale (Brasil), Zhejiang Huayou (China) e Ford (Estados Unidos) para a fundição de níquel na Indonésia, projeto avaliado em US\$ 4,5 bilhões.

Salvo algumas exceções, como no caso de fornecimento de matérias primas, o Brasil ainda está pouco integrado às cadeias de valor produtivas do leste asiático. Retirados os US\$ 4,5 bilhões em investimentos anunciados na joint venture na Indonésia, dos quais não é possível identificar quanto será o valor de fato investido pela Vale, anúncios de projetos greenfield do Brasil no mundo somaram US\$ 6,9 bilhões, dos quais US\$ 1,8 bilhão foi destinado à Ásia (equivalente a 26,6% deste total). Por outro lado, a maior parte do montante destinado ao continente, cerca de US\$ 1,4 bilhão, concentrou-se no Oriente Médio.

⁴² O Banco Central do Brasil reporta os investimentos do Brasil no exterior pela ótica do destino imediato. Logo, muitos investimentos destinados à China, a Hong Kong e a Macau como destino final podem estar sendo triangulados por outros mercados, o que pode indicar um resultado subestimado acima.

Ao longo dos cinco anos do período de análise, a Orbis identificou 11 anúncios *greenfield* de empresas brasileiras na China, totalizando US\$ 267,8 milhões. Esse total fez da China o quinto destino dos investimentos brasileiros anunciados entre países do continente asiático, atrás de Indonésia, Arábia Saudita, Omã e Turquia, e o 11º destino geral.

Sob a perspectiva chinesa, os US\$ 267,8 milhões anunciados por empresas brasileiras fizeram do Brasil o maior investidor na China entre os países da América Latina, o terceiro entre os países do BRICS (atrás de África do Sul e Índia, respectivamente) e o 26º em nível global. No entanto, 88% desse valor corresponde a investimentos de US\$ 160 milhões da WEG, que abriu uma fábrica em Changzhou, na província de Jiangsu, e investimentos de US\$ 75 milhões da Intelbras, que abriu um escritório de vendas e um centro de pesquisa e desenvolvimento na zona econômica especial do município de Shenzhen, na província de Guangdong.

TABELA 31 – ANÚNCIOS DE INVESTIMENTOS GREENFIELD DO BRICS NA CHINA

<i>País membro do BRICS</i>	<i>N.º de projetos</i>	<i>Capex (US\$ milhões)</i>	<i>Ranking Global</i>
<i>África do Sul</i>	<i>7</i>	<i>670,8</i>	<i>22º</i>
<i>Índia</i>	<i>7</i>	<i>276,3</i>	<i>24º</i>
<i>Brasil</i>	<i>11</i>	<i>267,8</i>	<i>26º</i>
<i>Rússia</i>	<i>6</i>	<i>72,9</i>	<i>38º</i>
<i>Total</i>	<i>31</i>	<i>1.287,8</i>	<i>-</i>

FONTE: ORBIS BVD.

Tradicionalmente, o capital brasileiro fluiu principalmente para Estados Unidos, América Latina e Europa. A China, por sua vez, era percebida como sendo não apenas geograficamente distante, mas culturalmente, também. Havia incertezas quanto à legislação chinesa, e a obrigatoriedade de se instalar em território chinês via a formação de joint ventures com empresas locais necessitava da construção de um relacionamento, ainda inexistente, para estabelecer confiança entre as partes. Não à toa, a primeira investidora brasileira na China foi uma empresa que já exportava para o mercado chinês, onde já havia demanda doméstica garantida para seu produto e potencial de abrir novos mercados na região utilizando o país asiático como base de exportação. Em 1995, a Embraco – por meio de joint venture com o grupo Snowflake, controlado pela municipalidade de Pequim – abriu uma fábrica de compressores para aparelhos de refrigeração, assim dando início aos primeiros investimentos brasileiros na

China.⁴³ Hoje, a empresa também tem um centro de desenvolvimento e comercialização de controles eletrônicos no município de Qingdao, na província de Shandong, no leste do país.⁴⁴

O dinamismo da economia da China, e a expansão do seu mercado interno, logo levou à instalação de outras empresas brasileiras em solo chinês. No setor automotivo, por exemplo, Randon, Sabó e lochpe-Maxion produzem componentes e autopeças em suas respectivas fábricas na China. A WEG, por sua vez, inaugurou, em 2019, uma fábrica voltada para a produção de equipamentos de automação industrial, sua quarta unidade fabril na China desde a abertura da primeira fábrica em 2005.⁴⁵

O setor de tecnologia da informação e comunicação também tem atraído empresas brasileiras. Além dos já citados investimentos da Intelbras, que abriu um escritório de vendas e um centro de P&D no município de Shenzhen, a Stefanini passou a operar na China em 2010, por meio da aquisição da estadunidense Tech Team Global, que já operava no país asiático.⁴⁶

À medida que a economia do Brasil foi se abrindo, intensificou-se o fluxo de investimentos tanto estrangeiros no Brasil quanto brasileiros no exterior. Para fazer frente ao novo cenário competitivo num mundo crescentemente globalizado, empresas brasileiras precisaram se adaptar às novas circunstâncias, e a internacionalização foi uma dessas adaptações. A internacionalização possibilita a diversificação geográfica das bases de operações, reduzindo riscos e permitindo acessar novos mercados; fortalece a posição competitiva da empresa em outros mercados; permite adquirir novas tecnologias antes não acessíveis; e viabiliza o desenvolvimento de novos produtos e serviços, entre outras vantagens.

Somado aos fatores citados acima está o extraordinário crescimento econômico da China ao longo das últimas décadas, que transformou o país numa potência industrial, no maior exportador mundial, na segunda maior economia e no segundo maior mercado consumidor. O país ocupa lugar de destaque nas cadeias globais de valor e cada vez mais desempenha papel estratégico nos planos de expansão de empresas brasileiras. Ademais, empresas chinesas atraem um número crescente de investidores brasileiros. Conseqüentemente, em 2022 China e Hong Kong (China) concentraram 40 investidores cada, o segundo maior número de investidores brasileiros entre os destinos do continente asiático, atrás apenas de Israel, e o 31º destino global.

⁴³ Fleury, Maria Tereza. “A presença das multinacionais brasileiras em território chinês” em Perspectivas Brasil-China. Fundação Getúlio Vargas.

⁴⁴ https://www.embraco.com/pt/sobre-a-embraco/#_

⁴⁵ <https://www.weg.net/institucional/BR/pt/news/corporativo/weg-inaugura-nova-fabrica-na-china>

⁴⁶ https://www.cebc.org.br/sites/default/files/antonio_barreto.pdf

TABELA 32 – QUANTIDADE DE INVESTIDORES BRASILEIROS POR PAÍS EM PARTICIPAÇÃO NO CAPITAL (2022)

<i>País - destino imediato</i>	<i>Número de Investidores Brasileiros</i>	<i>Ranking Global</i>
<i>Ilhas Virgens Britânicas</i>	<i>9.553</i>	<i>1°</i>
<i>Estados Unidos</i>	<i>2.889</i>	<i>2°</i>
<i>Bahamas</i>	<i>2.743</i>	<i>3°</i>
<i>Ilhas Cayman</i>	<i>1.654</i>	<i>4°</i>
<i>Portugal</i>	<i>1.534</i>	<i>5°</i>
<i>China</i>	<i>40</i>	<i>31°</i>
<i>Hong Kong (China)</i>	<i>40</i>	<i>31°</i>
Total	24.703	-

FORNE: BANCO CENTRAL DO BRASIL.

4.3. Estudos de casos de Empresas do Brasil Operando na China⁴⁷

Nome da empresa: Suzano



Setor: Papel e Celulose

Ano de fundação: 1924

Breve histórico: A Suzano é a maior produtora mundial de celulose, uma das maiores produtoras de papéis da América Latina, líder no segmento de papel higiênico no Brasil e referência no desenvolvimento de soluções sustentáveis e inovadoras a partir de matéria-prima de fonte renovável. Seus produtos e soluções estão presentes na vida de mais de 2 bilhões de pessoas, abastecem mais de 100 países e incluem celulose; papéis para imprimir e escrever; papéis para embalagens, copos e canudos; papéis sanitários e produtos absorventes; além de novos bioprodutos desenvolvidos para atender a demanda global. A inovação e a sustentabilidade orientam seu propósito de “Renovar a vida a partir da árvore” e seu trabalho no enfrentamento dos desafios da sociedade e do planeta. Com 100 anos de história, a companhia tem ações nas bolsas do Brasil (SUZB3) e dos Estados Unidos (SUZ).

Ano de internacionalização e localização da empresa na China: Ao entrar na China na década de 1980, a Suzano iniciou seus negócios fornecendo celulose em resposta ao desenvolvimento da indústria local de papel. A Suzano iniciou sua presença com um escritório de representação em Xangai em 2007 e o transformou em uma subsidiária integral em 2020. Para aumentar seu compromisso de longo prazo com a China, a Suzano expandiu ainda mais sua equipe em Xangai em 2022, buscando atender melhor ao apelo estratégico do país para a transição para uma sociedade de baixo carbono e às necessidades dos clientes locais. Em março de 2023, a empresa inaugurou seu primeiro centro de P&D e inovação na Ásia - Suzano China Innovability Hub, em Xangai.

⁴⁷ Textos mantidos na íntegra, conforme versões enviadas pelas empresas que colaboraram com os cases do estudo, exceto quando, para efeitos de publicação, for assinalada atualização específica com indicação da respectiva fonte com acesso público. Os cases apresentados nesse estudo se originaram da gentil disponibilidade das empresas que responderam ao pedido de informação por parte da ApexBrasil. A seleção não reflete, necessariamente, o nível de importância dessas empresas para a ApexBrasil de forma particular e para a economia brasileira de forma geral.

Fatores para a escolha da internacionalização nesse mercado (decision tracking): Graças ao crescimento acelerado do setor de papel e celulose nas últimas décadas, a China é o principal mercado de exportação da Suzano (40%–50%) para produtos de celulose. Além disso, a China tem se apresentado como o mercado de crescimento mais rápido, o que representa oportunidades significativas para a Suzano aumentar sua presença e apoiar ainda mais o setor.

A Suzano está buscando expandir as atividades na China não apenas com seus negócios atuais, mas também explorando novos mercados, principalmente os bionegócio.

Presente no mercado chinês há mais de 40 anos, a Suzano mantém o compromisso de longo prazo para apoiar a China a atingir sua meta de neutralidade de carbono até 2060.

Dados financeiros⁴⁸:

Número de funcionários (diretos e contratados): mais de 49.000

Receita líquida em 2023: R\$ 39,7 bilhões

Capacidade instalada de celulose de mercado: 10,9 milhões de toneladas/ano

Capacidade instalada de papel e embalagem: 1,4 milhão de toneladas/ano

⁴⁸ Fonte: SUZANO, “Demonstrações Financeiras de 31 de dezembro de 2023”, p. 1; e 124. Disponível em: https://s201.q4cdn.com/761980458/files/doc_news/2024/02/4t23/2023-12-DFP_Suzano-PT_assinado.pdf

Nome da empresa: EBANX



Setor: Fintech

Ano de fundação: 2012.

Breve histórico da empresa: O EBANX é uma empresa global especializada em pagamentos em economias em crescimento – os mercados digitais de mais rápido crescimento no mundo, tendo impacto, também, no crescimento econômico.

Oferece tecnologia de ponta para que empresas globais alcancem milhões de clientes em mercados em ascensão da América Latina, África e Ásia através de soluções de pagamento, ao mesmo tempo que permite que pessoas e empresas nessas economias em ascensão tenham acesso a produtos e serviços de qualquer lugar.

Fundado em 2012 no Brasil por Alphonse Voigt (presidente do Conselho, e que foi CEO do EBANX desde a fundação até 2021), João Del Valle (CEO) e Wagner Ruiz (membro do Conselho), começou a expandir suas operações a outros mercados em 2015 e hoje opera em 29 países na América Latina e Caribe, África e Ásia, processando pagamentos para mais de 1,6 mil empresas digitais globais, de verticais variadas: SaaS, streaming, redes sociais, publicidade digital, jogos digitais, varejo online, turismo e viagens, entre outras. Tem mais de 400 rails de pagamentos pelo mundo, e integrações com mais de 100 métodos locais de pagamento entre sistemas instantâneos, e-wallets, transferências baseadas em conta, mobile money, BNPL, vouchers com base em dinheiro vivo, débito e crédito, entre outros. É formado por mais de 800 pessoas, e tem equipes em 16 países, como Brasil, México, Colômbia, Uruguai, Estados Unidos e China.

Linha do tempo de expansão das operações do EBANX (onde o EBANX processa pagamentos):
2012 - Brasil

2015 - México e Peru

2016 - Colômbia e Chile

2017 - Argentina

2018 - Equador e Bolívia

2020 - Uruguai

2021 - Paraguai, Costa Rica, República Dominicana, El Salvador, Panamá e Guatemala

2022 - África do Sul, Quênia e Nigéria

2023 - Índia, Bahamas, Jamaica, Costa do Marfim, Egito, Gana, Marrocos, Senegal, Tanzânia, Uganda e Zâmbia

A tecnologia, os produtos e o nível de serviço do EBANX oferecem o alcance e a profundidade necessários para que players da economia digital de todo o mundo tenham a melhor performance de pagamentos para atender da melhor forma seus clientes na América Latina, África e Índia, e impulsionar o seu crescimento, aproveitando a evolução do comércio digital nos países dessas regiões.

O EBANX possui conhecimento local sobre os clientes de seus clientes. A presença local consistente da empresa e as parcerias significativas com players locais da indústria financeira e de pagamentos permitem ampliar o mercado total endereçável do usuário e melhorar seu desempenho, ao mesmo tempo que oferece a melhor experiência de pagamento ao seu cliente.

Site: <https://www.ebanx.com/pt-br/>

Ano da internacionalização na China: O EBANX já nasceu global, pela proposta do seu core business: de oferecer soluções de pagamento para que empresas digitais globais pudessem chegar a todos os seus clientes em mercados em crescimento. Desde os seus primeiros anos a fintech atende clientes da China. A primeira grande empresa (*enterprise*) processando pagamentos na América Latina com o EBANX, em 2013, era chinesa. Então a presença comercial do EBANX na China tem sido grande desde o início. E desde 2019 a fintech vem estabelecendo uma equipe completa e multidisciplinar na China, com foco em atender os seus comerciantes baseados no país e em toda a região da APAC. Esse time tem profissionais especializados em áreas como sucesso e atendimento do comerciante, produto, integração técnica, operações de pagamento, marketing, além de comercial.

Fatores para a escolha de internacionalizar na China (decision tracking): A China é um mercado muito importante para a economia digital global, além de ser muito importante também no mercado e na inovação de pagamentos. É um país em que a adoção de pagamentos mobile está quase chegando aos 90% de penetração (Statista). Além disso, é o país onde cerca de metade das vendas online devem acontecer neste ano (Insider Intelligence/eMarketer). Essas duas estatísticas exemplificam a potência que existe no país, e o EBANX tem o objetivo de participar da evolução que vem acontecendo neste mercado, apoiando os comerciantes do país nos mercados digitais da América Latina, África e na Índia, que estão entre os que mais crescem no mundo. Ter uma equipe completa na China para atender os comerciantes da melhor maneira, de forma completa e no mesmo fuso horário, é muito importante, para que possamos apoiá-los em seus planos de expansão por todos esses mercados cheios de potencial.

Dados financeiros: Atualmente, o EBANX tem uma equipe de 15 pessoas localizadas na região da APAC e dedicadas aos comerciantes da região, além de todas as equipes globais baseadas em outros países que também atendem aos comerciantes da APAC.

Anexos

Nota Metodológica

A análise apresentada no Capítulo 3 deste estudo (Investimentos Estrangeiros Diretos Bilaterais) está embasada na metodologia aplicada pelo Banco Central do Brasil (BCB) para a gestão de dados de contas nacionais vinculadas ao setor externo⁴⁹. Essa metodologia segue os manuais [BPM6](#) (*Balance of Payments and International Investment Position Manual: Sixth Edition*), do Fundo Monetário Internacional (FMI), e [BD4](#) (*Benchmark Definition of Foreign Direct Investment: Fourth Edition*), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

A compreensão da análise apresentada exige o entendimento de três definições-chave relacionadas ao conceito de Investimento Estrangeiro Direto (IED). Primeiro, categoriza-se como “investimento direto” toda transferência de recursos financeiros capaz de exercer significativo grau de influência ou controle sobre a gestão de uma empresa receptora. Segundo o BPM6, isso ocorre quando um investidor detém ao menos 10% do capital com direito a voto de uma empresa ou fundo de investimento. O **investidor imediato** (i.e., entidade, governo ou indivíduo que transfere o recurso para a empresa receptora) pode ser o próprio **controlador final** do investimento (i.e., entidade, governo ou indivíduo que exerce a influência ou controle) (relação direta de investimento) ou outro investidor – uma empresa terceira ou outra empresa subsidiária do mesmo controlador (relação indireta). Tal empresa terceira ou outra subsidiária pode estar localizada em um país ou uma dependência fiscal diferente daqueles onde residem a empresa receptora e o controlador final, de tal modo que hubs financeiros podem assumir papel fundamental na triangulação de recursos e, portanto, destacam-se como origens imediatas de IED.

Segundo, ocorre o “investimento estrangeiro direto” (IED) quando há intermediações financeiras entre **residentes** e **não residentes** no Brasil. A direção do fluxo dessas intermediações determina se há IED de empresas estrangeiras no Brasil (IED do mundo no Brasil, ou “IED” apenas) ou se há IED de empresas brasileiras no exterior (IED do Brasil no mundo). A direção também determina se os dados são **brutos** ou **líquidos**. Este estudo utiliza a terminologia “IED líquido” para se referir ao resultado da diferença entre ingresso e regresso (repatriações de investimentos prévios⁵⁰) de recursos em um dado recorte temporal e “IED bruto” para se referir apenas ao ingresso de recursos

⁴⁹ Veja o [Relatório de Investimento Direto](#) publicado pelo BCB em maio de 2024.

⁵⁰ Segundo o BPM6, a repatriação de recursos ocorre quando uma empresa receptora de IED empresta recursos ou adquire participação no capital de seu investidor imediato ou controlador final, desde que essa participação não exceda 10% do capital votante (ou seja, desde que não exerça influência significativa). Caso supere esse limite, não há repatriação de recursos, mas uma nova relação de investimentos (IED brasileiro no exterior, por exemplo, caso essa empresa receptora seja residente no Brasil).

(ou egresso, quando se considera IED do Brasil no exterior). O BCB utiliza uma terminologia distinta⁵¹.

Terceiro, a intermediação de recursos financeiros subjacente ao exercício de influência/controlado entre residentes e não residentes, em uma direção específica, subdivide-se em duas categorias tipológicas: **participação no capital** e **operações intercompanhia**. Segundo o BCB, os investimentos em participação no capital abrangem “o capital com direito a voto, que define a existência da relação de investimento direto, e eventuais participações sem direito a voto”, enquanto as operações intercompanhia incluem “os créditos concedidos entre empresas do mesmo grupo econômico via instrumentos de dívida”⁵². Nota-se que empréstimos e outros instrumentos de dívida originários de terceiros (não pertencentes ao mesmo grupo econômico) não são categorizados como investimentos diretos. Ademais, ressalta-se que algumas fontes explicitam o subcomponente “reinvestimento de lucros (em participação no capital)”, que corresponde ao lucro auferido por empresas receptoras de IED não remetido às suas respectivas matrizes no exterior.

O atendimento a esses conceitos permite classificar uma intermediação financeira como IED. O conjunto de intermediações que perpassam um país ao longo de um dado recorte temporal pode ser agregado como **fluxo** (dados correntes). Já o conjunto de ativos (i.e., recursos financeiros do país no exterior) e passivos (recursos do exterior no país) acumulados ao longo do tempo configuram o **estoque** de investimentos resultantes de IED. No entanto, não somente os resultados em fluxo produzem variações em estoque. Também afetam esse indicador as variações de preços de mercado (valorização do capital investido ou da empresa receptora) e as variações cambiais (apreciação ou depreciação relativa do portfólio da empresa receptora, dado que seus balanços são denominados em moeda doméstica). Portanto, avaliam-se dados de estoque como “posição em estoque”, i.e., um retrato estimado do estoque para uma data específica (geralmente o último dia do ano)⁵³. Ressalta-se não ser possível comparar dados de fluxo com dados de estoque, desse modo.

Cumprido destacar também que, temporalmente, trabalhamos com os dados mais atualizados para o ano fechado de 2023. Na ausência desse parâmetro, utilizamos o último ano fechado disponível para os recortes analíticos:

⁵¹ O BCB utiliza uma terminologia distinta da apresentada neste estudo: adota-se a definição de Investimento Estrangeiro Direto (IED) para o que este estudo chama de “IED líquido (do mundo no Brasil)”. O BCB entende o IED como um componente do Investimento Direto no País (IDP), que inclui todos os ativos financeiros ingressantes no país em um dado recorte temporal sem descontar o “investimento reverso” efetuado por empresas que já possuem ativos no país. Quando aos investimentos do Brasil no exterior, o BCB adota a definição de Investimento Brasileiro Direto (IBD) para o que este estudo chama de “IED do Brasil no exterior líquido”, de modo que, analogamente, considera o IBD como um componente do Investimento Direto no Exterior (IDE), o qual não desconta a repatriação de recursos previamente investidos por brasileiros no exterior em dado recorte temporal. A opção por não utilizar a terminologia do BCB visou a simplificar a compreensão da análise.

⁵² Segundo o BCB, os investimentos em participação no capital incluem transações vinculadas a “operações de capitalização e descapitalização, em que o investidor direto aumenta ou reduz o capital da empresa de investimento direto, bem como as de fusões e aquisições em que o investidor direto compra ou vende uma participação preexistente em uma empresa investida”. Já os investimentos via operações intercompanhia tratam de “empréstimos, ... créditos comerciais, títulos e outros instrumentos financeiros”.

⁵³ Outros detalhes metodológicos também podem afetar o estoque, especialmente quando se pretende comparar estoque entre países, como a definição do ano a partir do estoque é contabilizado.

2022 ou, no limite, 2021. Em termos de períodos de análise, buscamos, ao máximo, trabalhar com o intervalo de 2019 a 2023, compreendendo cinco anos e quatro intervalos de crescimento. Contudo, a depender da lógica de análise e do último ano de disponibilidade dos dados, optamos por estender ou reduzir os intervalos, respeitando o sentido econômico a da análise, como, por exemplo, na seção de infraestrutura.

Por fim, a maior parte das análises considera os resultados econômicos para a China, sem contabilizar as Regiões Administrativas Especiais de Hong Kong e Macau. Exceções à metodologia foram explicitadas em notas de rodapé, com as devidas explicações.



1974-2024
中国巴西50年
BRASIL-CHINA 50 ANOS



MINISTÉRIO DAS
RELAÇÕES
EXTERIORES

MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO,
INDÚSTRIA, COMÉRCIO
E SERVIÇOS



ApexBrasil

Centro Empresarial CNC

SAUN, Quadra 05, Bloco C, Torre II, salas 1201 a 1701

CEP 70040-250 – Brasília, DF, Brasil

apexbrasil@apexbrasil.com.br

www.apexbrasil.com.br



[/apexbrasil](#)